



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO**  
**CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS**  
**ESCOLA DE COMUNICAÇÃO**

**O PROGRAMA SUPERNANNY E A PROBLEMÁTICA DA INFÂNCIA  
CONTEMPORÂNEA**

Flávia Fontinhas Pacheco

Rio de Janeiro/ RJ  
2012

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO  
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS  
ESCOLA DE COMUNICAÇÃO**

**O PROGRAMA SUPERNANNY E A PROBLEMÁTICA DA INFÂNCIA  
CONTEMPORÂNEA**

Flávia Fontinhas Pacheco

Monografia de graduação apresentada à Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro, como requisito parcial para a obtenção do título de Bacharel em Comunicação Social, Publicidade e Propaganda.

Orientador: Prof. Dr. Márcio Tavares d'Amaral

PACHECO, Flávia Fontinhas.

O programa Supernanny e a problemática da infância contemporânea/ Flávia Fontinhas Pacheco – Rio de Janeiro; UFRJ/ECO, 2012.

Número de folhas (56f.).

Monografia (graduação em Comunicação) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Escola de Comunicação, 2012.

Orientação: Márcio Tavares d'Amaral

1. Supernanny. 2. Infância. 3. Contemporaneidade. I. D'AMARAL, Márcio Tavares
- II. ECO/UFRJ III. Publicidade e Propaganda IV. O programa Supernanny e a problemática da infância contemporânea

Dedico este trabalho ao Saulo, com quem pretendo me confrontar, na prática, com a problemática da infância na contemporaneidade.

## **AGRADECIMENTOS**

Agradeço primeiramente a Deus, “por tudo o que Tens feito, por tudo o que Vais fazer, por Tuas promessas e tudo o que És”.

Agradeço à minha mãe, que foi decisiva para que eu tivesse uma educação de qualidade, e estivesse hoje me formando na UFRJ.

Agradeço a meu orientador, Márcio Amaral, por ter sido um querido amigo desde o 1º período da faculdade.

E agradeço ao Saulo, que, além de leitor paciente desse trabalho, é o amor da minha vida.

Não me lembro de nenhuma necessidade da infância tão grande quanto a necessidade da proteção de um pai. (Sigmund Freud)

Lutei para escapar da infância o mais cedo possível. E, assim que consegui, voltei correndo pra ela. (Orson Welles)

PACHECO, Flávia Fontinhas. **O programa Supernanny e a problemática da infância contemporânea**. Orientador: Márcio Tavares d'Amaral. Rio de Janeiro, 2012. Monografia (Graduação em Publicidade e Propaganda) – Escola de Comunicação, UFRJ. 56f.

## RESUMO

Nos dias atuais, os pais estão cada vez mais inseguros no cuidado de seus filhos. Como forma de suprir essa demanda, surgem no mercado diversos livros, revistas e programas televisivos, que têm por objetivo ensiná-los a educar adequadamente as crianças, e serem mais plenos e felizes. Nesse contexto que situa-se o programa Supernanny, um Reality Show do tipo “intervenção”, no qual uma especialista em crianças entra na casa dos pais que a convocam, a fim de instituir novas regras e rotinas, objetivando a melhora nas relações familiares. Nesse trabalho, portanto, pretendo resgatar a problemática da infância contemporânea e as formas como a cultura respondeu a ela. Por meio de recursos derivados das tendências culturais atuais – Reality Shows e manuais de ajuda aos pais –, o programa Supernanny busca se conectar com seu público como orientação prática e mental das dificuldades encontradas na contemporaneidade, no intuito de possibilitar a compreensão do lugar da infância em nossa sociedade. Por fim, pretendo analisar as técnicas empregadas no programa, a fim de entender se as mesmas possibilitam o desenvolvimento de uma moral autônoma ou heterônoma nas crianças, de acordo com os preceitos construtivistas de Jean Piaget.

**Palavras-chaves:** Supernanny. Infância. Contemporaneidade. Reality Show de intervenção.

## SUMÁRIO

<b>1. INTRODUÇÃO.....</b>	<b>10</b>
<b>2. A INFÂNCIA AO LONGO DOS SÉCULOS.....</b>	<b>14</b>
2.1 O SURGIMENTO DO SENTIMENTO DE INFÂNCIA.....	14
2.2 A MUDANÇA NA RELAÇÃO ENTRE PAIS E FILHOS APÓS A SEGUNDA GUERRA MUNDIAL.....	17
2.3 O CONCEITO DE OBEDIÊNCIA SEGUNDO JEAN PIAGET.....	20
<b>3. A RELAÇÃO ENTRE OS PRODUTOS CULTURAIS E A SOCIEDADE.....</b>	<b>24</b>
3.1 A INDÚSTRIA CULTURAL.....	24
3.2 REALITY TV E REALITY SHOW.....	27
3.3 A GÊNESE DO PROGRAMA SUPERNANNY: OS MANUAIS DE AJUDA AOS PAIS.....	30
<b>4. SUPERNANNY.....</b>	<b>35</b>
4.1 O PROGRAMA.....	35
<b>4.1.1 O fenômeno dos Reality Shows de intervenção.....</b>	<b>37</b>
4.2 OS RECURSOS TELEVISIVOS UTILIZADOS.....	40
4.3 ANÁLISE DAS TÉCNICAS UTILIZADAS NO PROGRAMA ATRAVÉS DOS ENSINAMENTOS DE JEAN PIAGET.....	44
<b>5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>50</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....</b>	<b>55</b>



## 1. INTRODUÇÃO

A idéia do tema desse trabalho surgiu de uma conversa com alguns amigos, enquanto estávamos sentados à mesa de um restaurante. Naquele momento eu me debatia internamente sobre qual assunto escolher para dissertar na minha monografia, e eles gentilmente sugeriram que eu deveria falar sobre algo que gostasse. Assim, durante a conversa, o tema e todo o seu desenrolar se consolidaram na minha mente, uma vez que sempre gostei muito de assistir ao programa Supernanny, e já havia visto inúmeros episódios.

Meu objetivo inicial era analisar o programa, descrever o panorama que possibilitou seu aparecimento e consequente sucesso, e apontá-lo como uma alternativa de comportamento para os pais, no lugar da maneira intuitiva, insegura, e muitas vezes irracional com que vêm criando seus filhos. Entretanto, com a pesquisa e a análise bibliográfica que serviu de base para esse trabalho, comecei a ter uma visão mais crítica sobre as técnicas empregadas no programa, e sobre as conseqüências destas para a formação moral das crianças.

É possível constatar na convivência com os pais contemporâneos uma crescente preocupação sobre a maneira como estão educando as crianças. Diante de repetidas experiências de desobediência e indisciplina destas, e ao perceberem que não estão conseguindo obter o comportamento esperado, esses adultos sentem-se impotentes e angustiados.

Assim, de forma cada vez mais comum, os pais encontram dificuldades quando necessitam tomar atitudes que contrariam seus filhos, e que podem gerar conflitos e sentimentos de frustração, raiva ou tristeza; alegando que estão “perdendo o controle” da educação destes, diante da frequência com que esses problemas ocorrem.

Detectando tal fenômeno, surgem no mercado dezenas de livros, revistas, artigos, e programas de TV, que propõem o uso de diversos procedimentos como forma de orientar esses pais. E, ao ansiarem por alternativas que resolvam esses problemas de relacionamento, inúmeros adultos buscam nesses materiais sugestões para melhor educar seus filhos.

A televisão, por exemplo, tem apresentado programas do tipo Reality Show, que configuram-se em programas apoiados na vida real, e que se propõem a ajudar os pais a enfrentarem os conflitos com seus filhos, e as situações de indisciplina e desrespeito destes, tais como: crianças que gritam constantemente, que querem ter suas vontades satisfeitas na hora, que agredem física e verbalmente, que enfrentam os pais quando estes lhes contrariam, etc.

Esses programas visam orientar os pais, e buscam demonstrar, através de cenas verídicas, que as situações vividas no ambiente familiar podem ser mudadas. Segundo eles, com o uso de alguns procedimentos específicos, os pais podem obter o “controle da situação” que sentem ter perdido, e melhorar a situação com seus filhos. Sendo que esse tipo de programa vem agradando aos telespectadores, e gerando satisfatórios níveis de audiência.

Em julho de 2004, a emissora de TV britânica Channel 4 estreou o programa Supernanny, que se propunha a apresentar, a cada episódio, o caso de uma família com dificuldade para lidar com seus filhos. Entrava em ação, então, a Supernanny – representada pela britânica Joanne A. Frost –, uma especialista em educação infantil, que, por meio de técnicas de comportamento, ajudava os pais a colocarem seus filhos “na linha”.

A fórmula agradou, e o formato se espalhou por 49 países, dentre eles Estados Unidos, França, Alemanha, Polônia, China e Brasil. Aqui, em princípio, a versão inglesa foi transmitida pelo canal por assinatura GNT (Globosat News Television). E, em 1º de abril de 2006, a versão brasileira do programa foi ao ar na TV aberta, produzida pelo SBT (Sistema Brasileiro de Televisão). Sendo que a apresentadora escolhida foi a psicopedagoga argentina, radicada no Brasil, Cris Poli.

As crianças de hoje possuem uma disponibilidade de informações que seria impensável para a geração de seus avós, e isso lhes confere certa vantagem na adaptação aos novos modos de vida que surgem a cada dia, em função das mudanças tecnológicas, econômicas e culturais. O envolvimento da criança de hoje com jogos eletrônicos cada vez mais sofisticados, por exemplo, torna-se motivo de reflexão para o pensamento social, a ponto de se questionar a própria corporeidade da infância atual.

Fenômenos como esses poderiam sugerir que a dependência das crianças em relação aos adultos estaria em declínio, e, com ela, a própria diferenciação entre os dois grupos. As crianças teriam se tornado, assim, menos controláveis e mais indisciplinadas.

Em vista da importância dessa categoria social, a cultura não poderia deixar de responder ou de expressar seus movimentos e transformações. Assim, há atualmente uma vasta produção cultural midiática que gira em torno da infância. De um lado, temos uma série de artefatos culturais destinados às crianças, desde programas de TV, filmes, revistas e músicas, até as formas mais recentes, como jogos de videogame e sites de internet. Expressões de um processo de transformação das crianças em consumidores e em público-alvo da publicidade e do marketing.

E, de outro, temos uma série de produtos que veiculam uma representação das crianças, ou da relação destas com os adultos. Nesses produtos, podem ser identificadas

versões sobre o que o imaginário adulto concebe como sendo uma criança, e, em razão disso, tais expressões midiáticas tornam-se objeto de interesse para pesquisadores. Sendo que os trabalhos a esse respeito buscam identificar basicamente que conceitos ou que representações da infância circulam socialmente por meio da programação de TV, do jornalismo ou da publicidade.

Se essa produção é prolífera, é sinal de que ela encontra uma demanda social, derivada dos problemas do modo de vida contemporâneo. Imediatamente, então, podemos questionar: que problemas ganham relevância social, a ponto de produzir uma demanda e a consequente oferta de produtos desse gênero?

O sucesso desses produtos não pode ser visto apenas como resultado de estratégias de marketing, pressão da propaganda ou manipulação da mídia. Algum tipo de necessidade ou de desejo deve existir nas pessoas previamente ao contato com esses produtos, que funcionarão como resposta a questões muitas vezes pressentidas de forma indefinida pelos sujeitos. A função desses produtos pode ser justamente organizar essas demandas do público. Assim, o fenômeno de surgimento e disseminação de produtos desse gênero, pode dizer algo sobre a forma como a sociedade funciona.

A sociedade ocidental moderna faz da idéia de infância um elemento fundamental para o seu modo de funcionamento. Mas é importante destacar que nem sempre foi assim. Até o século XVII a categoria de infância não existia, sendo que as crianças eram vistas como adultos em miniatura, e não adultos em formação. Dessa forma, não recebiam nenhum tratamento especial, só passando a existir socialmente a partir do momento em que podiam se misturar com o resto da população.

No 1º capítulo desse trabalho pretendo dissertar, portanto, sobre esse “surgimento da infância”, e sobre todas as modificações ocorridas após a 2ª Guerra Mundial na relação entre pais e filhos, por volta da década de 1940, em especial com a entrada da mulher no mercado de trabalho. Além de abordar as mudanças nesta relação na atualidade.

O discurso do programa Supernanny enquadra-se no momento atual de retomada das idéias de disciplina, de autoridade e de limites em relação aos filhos. Nesse contexto, discutirei também as contribuições de Jean Piaget em seu livro “*O Juízo Moral na Criança*”, publicado em 1932, no qual o autor disserta sobre a diferença entre as morais heterônoma e autônoma, e sobre a importância de se incutir a autonomia na criança.

Tendo em vista que os produtos culturais não se estabelecem por simples pressão da indústria da mídia, mas se inserem em panoramas sociais definidos, que suscitam nos indivíduos necessidades, interesses e desejos, abordarei no 2º capítulo desse trabalho o

conceito de Indústria Cultural, e a relação desta com a sociedade. Analisando não apenas o movimento de transformação dos produtos culturais em mercadorias, mas também demonstrando que esses produtos surgem e fazem sucesso por atender a uma necessidade do público de transformar o que vivenciam no mundo real em esquemas cognitivos de fácil entendimento.

A forma específica como o programa Supernanny articula esses conceitos exige certa familiaridade do público. Então, ele busca na produção televisiva recente diversos recursos audiovisuais capazes de explorar como motivo de atração os problemas relativos ao cuidado infantil. Nesse contexto, dissertarei sobre o fenômeno da Reality TV e dos Reality Shows, que há muito tempo têm invadido o cenário da televisão brasileira e mundial, agradando o público pela oportunidade de fazer o anônimo se tornar celebridade, e pela possibilidade de identificação com a pessoa ou família que está sendo observada.

A insegurança dos pais no cuidado com seus filhos é um movimento recente, que, cerca de um século atrás, não existia. Mas todos os livros, revistas, artigos e programas televisivos sobre o cuidado infantil tiveram algum precursor. Nesse sentido, analisarei os Manuais de Puericultura do início do século XX, que constituem-se na gênese do programa Supernanny, e de todos os outros materiais destinados ao cuidado infantil; uma vez que instituíram a figura do especialista como mestre a ser seguido pelos pais, e, em especial, pelas mães.

No 3º capítulo, abordarei um pouco mais sobre o programa, seu surgimento, sua protagonista e seu formato. Demonstrando que o programa Supernanny pode ser enquadrado no tipo de Reality Show denominado de “intervenção”, no qual especialistas entram em cena a fim de melhorar ou mudar algum aspecto da vida da pessoa que o chamou. E dissertarei também sobre os recursos televisivos utilizados pelo programa, como a câmera como ponto de vista e os depoimentos, que se relacionam intimamente com o estilo de documentário.

Tendo em vista que o programa pretende ensinar aos pais e demais telespectadores formas de agir diante de situações que fazem parte do cotidiano familiar, de maneira a conseguir resultados rápidos e eficazes, analisarei que tipo de educação está sendo passada para as crianças através dele, e as prováveis influências na formação moral delas dos procedimentos utilizados.

Por fim, retomarei nas considerações finais os aspectos trabalhados nos demais capítulos, destacando os principais pontos necessários à compreensão do sentido que o programa Supernanny adquire na atual cena cultural.

## 2 – O PANORAMA DA INFÂNCIA AO LONGO DOS SÉCULOS

Estamos tão acostumados a pensar nas crianças como seres com características e necessidades especiais, que é difícil imaginar que nem sempre foi assim. O movimento iniciado nos séculos XVII e XVIII de diferenciação entre adultos e crianças, e do surgimento da percepção que estas representam o futuro das nações, e de que por isso devem ser bem cuidadas, revolucionou toda a história da humanidade.

Neste capítulo vou abordar esse “descobrimento da criança” e os impactos que esse movimento trouxe à sociedade como um todo. E como a relação entre pais e filhos sofreu profundas modificações, especialmente após a 2ª Guerra Mundial, com a entrada da mulher no mercado de trabalho.

Além disso, vou dissertar também sobre o conceito de obediência, através dos ensinamentos de Jean Piaget, questionando se os pais contemporâneos têm dado os ensinamentos corretos a seus filhos, preparando-os para serem pessoas moralmente autônomas.

### 2.1. O SURGIMENTO DO SENTIMENTO DE INFÂNCIA

A infância como conhecemos, defendemos e apreciamos, nem sempre existiu. Até o século XVII não havia a diferenciação entre adultos e crianças. Essas últimas, assim que eram desmamadas e podiam ser dispensadas do cuidado das amas, por volta dos sete anos, já eram diretamente integradas à sociedade, sendo tratadas de maneira igual aos adultos. Assim, participavam das mesmas festas, mesmas brincadeiras, e possuíam as mesmas responsabilidades. Por volta dos doze anos as crianças eram enviadas para trabalhar na casa de outras famílias, com o intuito de aprenderem todos os ofícios domésticos. Essa incumbência não distinguia classe social, uma vez que era vista como forma de crescimento pessoal e amadurecimento.

Havia também uma ausência total de reserva moral diante das crianças. Os adultos não deixavam de falar grosserias ou fazer gestos obscenos na frente delas. E tais indecências ou atitudes indecorosas, que jamais seriam toleradas pelo homem moderno, não chocavam o senso comum, constituindo-se em costume da época. Aos quatro anos de idade, por exemplo, Luis XIII já tinha uma educação sexual avançada, algo impensado para os padrões morais atuais.

A escola também negava as particularidades da criança ao misturar nas salas de aula crianças e adultos, e ao não adaptar os ensinamentos de acordo com a capacidade intelectual de seus alunos. As formas de arte, como a pintura e a escultura, também traduziam esse pensamento. Nelas, as crianças eram sempre representadas como adultos de menor estatura. Nunca com as feições mais suaves e delicadas das crianças.

De maneira análoga, também não havia um conceito definido de família. Os casamentos já existiam, mas não estava ainda formado o conceito da família nuclear como hoje conhecemos. A grande ligação era com a terra, o feudo, e não com as pessoas ou com uma residência específica.

A família medieval tinha como atribuições a transmissão da vida, dos bens e dos nomes. O casamento não se baseava no amor. Eram os senhores, chefes de família, que decidiam as uniões com base em interesses específicos, que abrangiam não só os territórios, mas toda uma extensa rede social: parentes distantes, criados, camponeses e amigos. A esposa era escolhida por sua posição social ou por seus dotes, sempre com o intuito de colaborar estrategicamente para o crescimento do marido dentro da sociedade. Os filhos, por sua vez, eram vistos também como estando a serviço dos domínios do pai e de suas alianças, e eram privilegiados segundo seu sexo e sua proleitura.

A infância nessa época era vista como um estado de transição para a vida adulta. O indivíduo só passava a existir quando podia se misturar e participar de todas as atividades adultas. Não se dispensava um tratamento especial para as crianças, o que tornava sua sobrevivência difícil, e era uma das causas para a grande mortalidade infantil da época. A morte de crianças era encarada com naturalidade. O pensamento era: por que se apegar aos filhos se não há certeza de que eles sobreviverão?

A imobilidade social e a firmeza das definições dos papéis na sociedade faziam com que a convivência próxima de pessoas de diferentes classes sociais não fosse vista como ameaçadora. A sociedade medieval era um bloco único e denso, onde as idades e as pessoas de diferentes condições misturavam-se, cientes da imutabilidade de suas situações.

Foi a burguesia ascendente do século XVIII, classe que trazia com ela a vivência da mobilidade social, quem primeiro passou a considerar a mistura social entre ricos e pobres uma ameaça. À medida que os vínculos de obrigação e fidelidade passaram a se tornar cada vez menos definidos, surgiu a valorização da intimidade como forma de compensar a diminuição hierárquica pela distância física.

A casa surgiu, então, como um modo de separar-se da comunidade, constituindo-se em um refúgio. Da mesma maneira que o medo da multidão intensificou o sentimento do lar

como espaço privilegiado, a criança, por sua vez, teve também que ser retirada da convivência com a sociedade, passando a ser confinada à família e à escola. Dessa maneira, o cuidado infantil tornou-se um dos organizadores do sentimento moderno de família.

O surgimento da diferenciação entre adultos e crianças, evidenciada, por exemplo, no início da utilização de trajes especiais para cada fase da infância, é correlata ao aparecimento dos manuais de puericultura e civilidade, dedicados à formação dos futuros cidadãos de uma nova ordem social que aos poucos abandonava os laços com os séculos passados.

A valorização da intimidade surgiu aliada às demais mudanças ocorridas no século XVIII, dentre as quais destacam-se a rejeição dos antigos espaços vazios e da vida não controlada pelo Estado Moderno, a separação entre local de trabalho e locais de lazer, e a preocupação crescente com a saúde física e a higiene da população.

A primeira surgiu aliada ao processo de industrialização e à racionalização científica, a partir do momento em que começou a caber ao Estado o controle de todos os locais e iniciativas, visando o sucesso nas escolas para as crianças e a promoção no trabalho para os adultos.

A segunda surgiu também correlata à industrialização, tendo em vista que o trabalhador passou a abandonar sua comunidade e família para ir trabalhar confinado nas fábricas, sob uma rígida disciplina. A vida passou a ser constantemente vigiada: a criança na escola, o trabalhador na fábrica, o louco no asilo. (ARIÉS, 1981).

E a terceira surgiu em resposta ao costume dos pais da época de enxergarem seus filhos de maneira instrumental, como extensão da propriedade; motivo identificado pelo Estado e pelos médicos higienistas como a principal fonte da mortalidade infantil. Sendo que a mesma precisava ser contida para o bom andamento do processo de urbanização e industrialização da sociedade.

Foi essa perda crescente dos espaços livres que determinou cada vez mais o fechamento da família sobre si mesma. A sociabilidade se deteriorou cada vez mais. O surgimento do automóvel, por exemplo, foi um recurso que contribuiu decisivamente para esse processo, uma vez que permitiu a possibilidade de se trabalhar cada vez mais distante de casa, e reduziu a necessidade de se caminhar pela rua, onde antes as pessoas ainda conviviam.

O “surgimento” da infância e da noção de que as crianças eram seres com características especiais e de que precisavam de um tratamento diferenciado, foi um dos resultados da nova percepção das pessoas, e da sociedade como um todo, sobre o corpo, a vida e a morte.

Com os avanços da ciência, tornou-se possível conter a mortalidade infantil. Se a morte da maior parte da prole não era mais inevitável, abria-se, então, espaço para um maior apego às crianças que sobreviviam. A nova racionalidade que invadiu a sociedade ocidental a partir dos séculos XVII e XVIII apontava para o futuro. As crianças como portadoras desse futuro, deviam ser amadas e bem cuidadas.

Dessa maneira, foi preciso que o pai deixasse de ser o “dono” dos filhos, para tornar-se seu tutor. Foi nesse momento que a mãe ganhou importância dentro do lar, assumindo a responsabilidade de iniciar a educação da criança, dedicando a ela todo seu cuidado e atenção. O que fez com que o pai começasse a perder sua anterior posição de autoridade absoluta.

Aliada a isso, a importância da Escola como fonte de ensinamentos e formação dos filhos cresceu exponencialmente. Devido principalmente à influência do Projeto Iluminista, as crianças passaram a ser inseridas nas escolas, para que pudessem se “civilizar”, e aprender a ler e a desenvolver sua racionalidade.

A invenção da prensa tipográfica, e o desenvolvimento do processo de escolarização e alfabetização, separaram aqueles que sabiam ler, ou seja, os adultos, daqueles que ainda estavam se alfabetizando, as crianças. Fato que transformou profundamente o estatuto social da criança, que passou a ser vista não mais como uma miniatura do adulto, mas como um adulto ainda não formado, contribuindo de forma determinante para a criação do conceito moderno de infância. (POSTMAN, 1999).

## 2.2. A MUDANÇA NA RELAÇÃO ENTRE PAIS E FILHOS APÓS A SEGUNDA GUERRA MUNDIAL

É possível alegar que não houve grandes mudanças no escopo familiar do século XVIII até meados do século XX. O pai continuou sendo visto como o chefe da casa e o provedor, e a mãe como aquela que deveria se dedicar integralmente ao lar e aos filhos.

Entretanto, com o início da Segunda Guerra Mundial, por volta da década de 1940, muitos homens tiveram que se alistar como soldados a fim de lutar por seu país. Dessa maneira, ficou faltando mão-de-obra no mercado de trabalho, inclusive nas fábricas, que produziam materiais que suportavam a Guerra. Esse panorama de falta de mão-de-obra masculina fez com que as mulheres entrassem em peso no mercado de trabalho. Com os pais na Guerra e as mães trabalhando, a taxa de fecundidade começou a diminuir, e os filhos passaram a ser cada vez mais cuidados por outras pessoas: avós, babás, creches, etc.



Com o fim da Guerra e o retorno dos homens do front de batalha, as mulheres perderam esse espaço recém-conquistado. O que gerou uma profunda insatisfação que, duas décadas mais tarde, se configuraria no estopim do Movimento Feminista. As mulheres começaram a alegar que o trabalho doméstico não era gratificante para elas, e passaram a exigir os mesmos direitos que os homens. Tanto os constitucionais como os trabalhistas.

Com o início do movimento de Contracultura e a Revolução Feminista na década de 1960, a família começou a sofrer modificações maiores ainda. As mulheres passaram a reivindicar seu espaço na sociedade e no mercado de trabalho, e a se revoltar contra os “grilhões” que as prendiam, incluindo a versão clássica de família. Dessa maneira, passaram a criticar a família, acusando-a de ser responsável pelas restrições às liberdades individuais, inclusive na esfera sexual, e por gerar desigualdade nas relações de gênero: no trabalho, na política, e na sociedade.

Esse contexto mudou radicalmente a concepção de família então vigente. As mulheres passaram a sair para trabalhar não porque necessariamente precisassem, mas porque queriam, e a se preocupar em competir economicamente com os homens. Obviamente essa mudança de comportamento teve impacto nas crianças, que passaram a ser muito menos assistidas do que eram anteriormente.

Nos últimos cinquenta anos muita coisa mudou. O movimento feminista perdeu fôlego, mas a entrada da mulher no mercado de trabalho consolidou-se em um processo progressivo e sem volta. Grande parte do motivo deveu-se à ideologia capitalista vigente, uma vez que o trabalho da mulher, de maneira geral, deixou de constituir-se em uma opção, e passou a configurar-se em uma necessidade, a fim de complementar a renda familiar ou mesmo sustentar a família.

Hoje em dia, com um mercado cada vez mais competitivo e exigente, e com um custo de vida que aumenta de maneira mais rápida do que os salários, as mulheres são praticamente obrigadas a trabalhar, a fim de montar uma renda familiar que dê conta de todos os gastos, e permita a existência de uma vida confortável. Esse panorama complica-se ainda mais quando se tem filhos. Segundo o IBGE, atualmente 70% das mulheres trabalham fora, e 25% são, inclusive, chefes de família. O que fez crescer o apelo por creches e babás, e reduziu drasticamente o tempo que as mães passam com seus filhos.

O modo de vida capitalista atual balizado pelo consumo exige cada vez mais das mulheres. Ainda que as coisas tenham mudado, e que a mulher tenha conquistado cada vez mais espaço no mercado de trabalho, inclusive em altos cargos, a diferença com os homens

permanece grande, com eles ainda recebendo salários mais altos para as mesmas funções, e ocupando a maior parte dos cargos de poder.

Com o foco sempre na redução dos gastos e na maximização dos lucros, a mulher não é assistida pelo sistema capitalista. Sendo um claro exemplo disso a aprovação pela legislação de uma licença maternidade remunerada de apenas quatro meses para algumas empresas. Criou-se, então, um grande impasse para a vida dessas mulheres, tanto para as que querem trabalhar, como para as que realmente necessitam, a fim de garantir o sustento da sua casa: como deixar um bebê de apenas quatro meses, por pelo menos oito horas por dia – que é a carga habitual de trabalho –, sem contato com a mãe?

O panorama atual no qual bebês de quatro, seis meses são muitas vezes forçados a um desmame precoce, e privados do contato íntimo e próximo que anteriormente tinham com suas mães, devido às necessidades profissionais que o mercado impõe a suas progenitoras, traz inúmeros resultados negativos, tanto para os filhos como para as mães.

Segundo Winnicot, a mãe só pode satisfazer seu bebê se estiver lá para ser apropriada. Assim, uma simples alucinação não o atende, mas sim o encontro entre a sua elaboração psíquica rudimentar, a partir de uma necessidade física, e o cuidado que lhe parece parte de si mesmo, apesar de não ser.

Pois, como diz o autor:

No começo, o bebê depende tão absolutamente do cuidado humano, que não pode saber da existência da mãe, e nem mesmo de sua própria dependência. Entretanto, ela precisa existir como entidade externa ao bebê para atendê-lo do modo sensível que ele precisa. (WINNICOT, 1975, p.150).

As mudanças no mercado de trabalho modificaram também a família, os pais e as crianças. Dentre as mudanças na família podemos citar o elevado número de divórcios, chegando atualmente no Brasil à taxa de 1,8 para cada mil pessoas com mais de vinte anos. Sendo a maior taxa de divórcios já verificada no país desde 1984. Nos pais, podemos citar o constante conflito interno decorrente da necessidade de escolher entre trabalhar e passar mais tempo com a família, processo que traz uma grande culpa inerente, devido à obrigatoriedade de se escolher o trabalho. E nos filhos, dentre outras coisas, o aumento progressivo da delinquência juvenil, e a quantidade cada vez maior de crianças com depressão, consultando-se com psicólogos e psiquiatras.

Além das mudanças que ocorreram nas crianças citadas acima, o panorama atual modificou profundamente o comportamento das mesmas em outras áreas também. As

crianças de hoje em dia testam muito mais os limites do que as de antigamente, com as quais bastava apenas um olhar mais severo do pai para fazê-las parar ou calar. E uma das grandes causas dessa mudança de comportamento é justamente a inconstância cada vez maior dos pais em suas ordens.

Os pais contemporâneos se culpam por não passarem mais tempo com seus filhos, então enxergam a disciplina como algo que os afasta deles, acreditando que isso pode fazer com que percam seu amor. Dessa maneira, relutam em proibir, negar ou disciplinar, e costumam mimar demais as crianças, com presentes, guloseimas ou liberdade demasiada.

Segundo Içami Tiba, conhecido psiquiatra, escritor e palestrante brasileiro, especializado em crianças e adolescentes e na relação destes com seus pais:

...o pouco convívio com os pais, associado ao consumo incentivado pelos avanços tecnológicos, faz dos filhos pessoas sem história familiar, sem afetos ou tradição, pois vivem o presente e querem o futuro, mas esquecem do passado. (TIBA, 2008)

Segundo o psiquiatra, as crianças de hoje são mais espertas que as de épocas passadas devido à enorme quantidade de estímulos que recebem. Por causa disso, não deixam de perceber que seus pais passam muitas vezes duas mensagens contraditórias ao mesmo tempo: estão lhes disciplinando, mas gostariam mesmo de estar brincando com elas, ou ainda a mensagem de que qualquer birra já fará com que eles desistam da bronca. “Assim, as maravilhosas crianças acabam sendo transformadas em tiranas” (TIBA, 2008).

### 2.3. O CONCEITO DE OBEDIÊNCIA POR JEAN PIAGET

Tendo em vista o panorama da infância contemporânea, faz-se importante discutir o conceito de obediência. Inúmeros estudos foram feitos a respeito do assunto nas mais diversas áreas, e nesse trabalho pretendo abordar as contribuições de Jean Piaget, expostos principalmente em seu livro “*O juízo moral na criança*”.

Jean William Fritz Piaget nasceu em 9 de agosto de 1896, na Suíça. Ele foi um epistemólogo, considerado um dos mais importantes pensadores do século XX. Foi o fundador da epistemologia genética, que é a teoria do conhecimento com base no estudo da gênese psicológica do pensamento humano.

Durante sua vida Piaget escreveu mais de cinquenta livros, sendo que o mais famoso foi “*O juízo moral na criança*”, publicado em 1932. Nele, ele defende a existência de dois

tipos de moral: a moral heterônoma, fundamentada sobre a interiorização de regras impostas pelo outro, e a moral autônoma, que surge através da livre cooperação entre as pessoas, sendo que as regras desenvolvem-se a partir de acordos mútuos.

Para que pudesse alcançar tais conclusões e realizar muitas outras descobertas sobre o desenvolvimento da moralidade humana, Piaget estudou a moral a partir dos jogos infantis. Segundo ele, “os jogos infantis constituem admiráveis instituições sociais” (PIAGET, 1932, p.23). Através deles, ele pôde observar e analisar as regras elaboradas pelas próprias crianças, e a partir daí compreender a consciência que elas têm dessas normas.

Devido ao respeito que a criança tem em relação às regras que vêm dos adultos, classificando-as como sagradas e intangíveis, seria impossível uma investigação direta através de um interrogatório. Por isso, ele dá sequência às suas investigações narrando pequenas histórias às crianças, nas quais elas devem manifestar seu julgamento de valor a respeito de assuntos como: mentira, justiça, entre outros. Os chamados “dilemas morais”.

Piaget afirma que os resultados obtidos a partir desses estudos confirmam a existência de dois tipos distintos de moral, sendo que uma sucede à outra no processo de desenvolvimento. “O primeiro desses processos é a coação moral do adulto, que resulta na heteronomia e, conseqüentemente, no realismo moral. O segundo é a cooperação, que resulta na autonomia” (PIAGET, 1932, p.154).

Para Piaget, o objetivo da moral é o dever, ou seja, as regras e as leis. Os dilemas que ele aplicou junto às crianças dizem respeito à maneira como elas julgam as transgressões, como roubar, mentir, desrespeitar, enganar, desobedecer, etc. É por isso que o autor concebe os dois conceitos: heteronomia e autonomia. Sendo os mesmos baseados na tendência que a criança possui de, à medida que vai se desenvolvendo, buscar relações de igualdade e reciprocidade, e renunciar às relações de coação e obediência cega às regras impostas.

Segundo a teoria Piagetiana, tal processo inicia-se com a anomia – ausência de regras –, que verifica-se nas crianças de 0 a 2 anos. Nesse momento, a criança ainda não se constituiu como sujeito, vivenciando afetivamente as relações intra-individuais, uma vez que a inteligência pré-verbal, chamada por Piaget de sensório-motora, não conhece nenhuma norma ou lei.

Nesse panorama, as crianças alcançam sua evolução na heteronomia, uma vez que obedecem aos adultos que lhes são mais importantes, exatamente porque essa autoridade é legitimada por elas. Tendo em vista que as crianças constroem um sentimento de obrigação em relação a esses adultos, explicado pela junção do amor com o temor que sentem por eles, e que dá origem ao respeito unilateral.

Para Piaget, a criança deverá então, espontaneamente, com a construção do pensamento reversível e a vivência das relações sociais pautadas no respeito mútuo – fonte da cooperação –, alcançar a possibilidade de tornar-se autônoma. Isso significa que a criança trocará a submissão às autoridades pela prática da obediência à justiça. Conforme suas palavras: “A obediência cede passo à noção de justiça e ao serviço mútuo, fonte de todas as obrigações até aí impostas, a título de imperativos incompreensíveis.” (PIAGET, 1932, p.300).

Segundo Piaget, a moralidade está diretamente ligada ao desenvolvimento intelectual, o qual permite a evolução do juízo moral. Assim, o pensamento intuitivo e irreversível da criança entre dois e sete anos está ligado muito mais à moral heterônoma, regida pelo dever, do que à moral autônoma, regida pela reciprocidade. Moral que está ligada ao pensamento lógico e reversível da criança, possível de ser vivenciado apenas após os oito anos de idade.

Piaget admite a necessidade de a criança vivenciar o respeito unilateral, que sustenta a moral da obediência, para a elaboração do primeiro sentimento de dever moral, que no caso fica restrito à autoridade. Uma vez que a criança, ao legitimar pai e mãe como autoridades, obedece às suas ordens voluntariamente. Por isso que a heteronomia é considerada um tipo de moral, já que trata-se da presença de um controle interno na criança, ainda que seminormativo. Conforme afirmou Piaget:

...o respeito unilateral é de grande importância prática, porque é assim que se constitui a consciência elementar do dever e o primeiro controle normativo do qual a criança é capaz. Mas parece-nos evidente que esta aquisição não basta para constituir a verdadeira moralidade. (PIAGET, 1932, p.299)

Entretanto, para Piaget, a moral da obediência heterônoma precisa ser superada, já que sem uma fonte de moralidade externa para o respeito unilateral, o respeito permanecerá um instrumento de submissão às regras, cuja origem permanece exterior à criança que as aceita.

E para que isso ocorra, é necessária a abstração do autoritarismo. Uma vez que a moral autônoma é fruto da cooperação entre iguais, isto é, sujeitos que vivenciam o respeito mútuo. Pois somente as relações interindividuais pautadas nessa forma de respeito podem formar os valores morais, já que o respeito mútuo ainda é composto pela junção de amor e medo, mas só conserva desse último o temor de decair aos olhos do parceiro.

Ainda em relação à moral autônoma, Piaget afirma que a pressão social não basta de maneira alguma para explicar a autonomia, e nem as pressões familiares podem ser interiorizadas sem que haja autonomia. Uma educação que conduza ao autogoverno implica

em uma construção da consciência moral, que conduza a criança ao pleno desenvolvimento da personalidade humana, ao respeito pelos direitos humanos e pelas liberdades fundamentais.

Nesse contexto, cabe-nos questionar que tipo de educação os pais estão dando a seus filhos. Por um lado há a ausência total de disciplina e de limites, devido à culpa inerente ao escasso tempo que passam com seus filhos, e pelo medo da perda do amor filial. E, por outro, há a disciplina imposta, irracional, autoritária, exemplificada em frases comumente ouvidas como: “Eu sou seu pai e você tem que me obedecer.”, ou “Você vai escovar os dentes porque eu estou mandando.”, ou ainda, “Ou você calça esse tênis agora ou apanha”, entre outras.

Dessa forma, fica o questionamento: será que os pais estão explicando adequadamente a seus filhos o porquê de eles deverem obedecer, tentando estabelecer acordos mútuos, e uma relação de cooperação, ou estão simplesmente impondo essa obediência? E um questionamento mais importante ainda: qual o ensinamento que está sendo dado a esses pais pelos especialistas no cuidado infantil a quem eles recorrem? Será que eles estão ensinando a desenvolver nas crianças uma moral autônoma ou heterônoma?

### **3. A RELAÇÃO ENTRE OS PRODUTOS CULTURAIS E A SOCIEDADE**

Nesse capítulo, pretendo abordar a relação entre os produtos culturais e a sociedade. Para isso descreverei o conceito de Indústria Cultural, traduzido no movimento de transformação das obras de arte em mercadorias.

Dissertarei sobre os gêneros televisivos Reality TV e Reality Show, que têm dominado cada vez mais a televisão pelo mundo a fora, demonstrando sua ligação com todas as esferas da vida social.

E discorrerei sobre os manuais de ajuda aos pais, também chamados de Manuais de Puericultura, que, no século XX, buscaram legitimar a figura do especialista em crianças, em uma posição de conhecimento superior aos pais, configurando-se na gênese do Programa Supernanny.

#### **3.1. A INDÚSTRIA CULTURAL**

Nesse subcapítulo pretendo expor os princípios teórico-metodológicos que servem de base para a compreensão do lugar, na história da infância, da tendência cultural midiática na qual insere-se o programa Supernanny. Pretendo esclarecer, portanto, os pressupostos teóricos que definem a compreensão de como se dá a relação entre os produtos culturais e a sociedade, a partir de uma visão crítica e histórica, derivada das contribuições da Escola de Frankfurt, em especial de Theodor Adorno.

O conceito de Indústria Cultural faz referência à forma como a mercadoria se converteu em matriz da cultura, no processo de transformações ocorridos na virada do século XIX para o XX. Isso quer dizer que a produção cultural passou a ser realizada cada vez mais de acordo com a lógica mercadológica em geral.

Nesse contexto, ao mesmo tempo em que a produção cultural – literatura, música, arte, etc.– passou a se desenvolver segundo uma lógica de mercado, a fim de se adaptar ao gosto do público, atividades puramente comerciais, como fazer compras no shopping, por exemplo, transformaram-se em atividades culturais. E ao se converter em um sistema que abrange toda a esfera da vida social, tal forma de produção cultural fez com que os princípios comerciais invadissem a subjetividade, passando a funcionar como uma mediação cada vez mais presente na relação entre indivíduo e sociedade.

Na produção cultural há em tensão duas histórias: uma que se refere aos desenvolvimentos internos de uma obra de arte, nas tentativas dos diversos criadores de

superarem seus antecessores e encontrarem novas possibilidades de expressão, e outra que diz respeito ao desenvolvimento da sociedade como um todo. Dessa maneira, se o atual estágio do capitalismo produz uma intensa valorização das relações sociais, é de se esperar que isso se reflita nas possibilidades de expressão cultural.

Entretanto, esse movimento não ocorre de forma exata ou automática. Ainda que a forma artística do produto da indústria cultural não realize a mediação entre a sociedade e a obra de arte de modo completo, os componentes da estrutura social estão presentes nela. Uma vez que as exigências sociais aparecem na obra não como “conteúdo externo dissimulado”, mas como uma necessidade estrutural própria da lógica social dominante da produção/circulação de mercadorias.

É preciso, assim, identificar como essas imposições sociais se “objetivam nas obras de arte” (ADORNO, 1994, p.114), ou seja, como os produtos culturais assimilam e sintetizam os problemas sociais, uma vez que o formato de mercadoria carrega para dentro dos produtos culturais, de forma cada vez mais direta, as exigências sociais.

Isso ocorre porque a lógica de produção cultural não se difere mais da lógica da produção em geral, que avança sobre todas as esferas da vida social, abrangendo as relações pessoais, o trabalho, a educação, o cuidado com as crianças, etc.

Diante da possibilidade de dar sentido ao movimento histórico da sociedade, os produtos culturais tornaram-se motivo de atração para as pessoas, tendo em vista que as mesmas buscam respostas em formatos e esquemas capazes de coordenar os novos desafios derivados do modo de vida contemporâneo. Dessa maneira, os produtos capazes de ir ao encontro das demandas baseadas em desejos e necessidades subjetivos, ganham a preferência do público, e, em geral, tornam-se bem-sucedidos em termos mercadológicos.

Assim, os produtos culturais tornam-se mediadores da realidade vivida pelas pessoas que os consomem. Uma vez que exemplificam os problemas, os desejos, as necessidades e as possibilidades, que em um determinado momento histórico ganharam relevância social.

Portanto, pais que não sabem lidar com seus filhos são uma expressão da instabilidade do lugar da infância na cultura atual, e, se eles buscam respostas para esse problema nos produtos culturais, é sinal de que tais produtos são capazes de estabelecer uma ligação entre os movimentos da sociedade e a vida diária dos indivíduos.

Os produtos culturais podem ser compreendidos como respostas – mesmo que apenas na forma de esquemas cognitivos – aos processos resultantes da vida em sociedade. A infância, por exemplo, tornou-se um desses problemas fundamentais da sociedade



contemporânea, tendo em vista que a mesma está envolvida com uma série de práticas sociais que movimentam os poderes econômico, político e simbólico.

Pode-se afirmar que o sentimento de infância está na base de uma série de instituições e práticas existentes em nossa sociedade. Isso significa que nossa percepção de que as crianças são seres com características especiais que as diferenciam dos adultos, justifica e impulsiona uma enorme gama de atividades, instituições e formas de organização social, que são fundamentais para o modo de vida das sociedades ocidentais modernas.

Pais e educadores precisam reorganizar constantemente sua compreensão do que é, o que pode, e do que precisa uma criança, devido às mudanças científicas, tecnológicas, econômicas e culturais pelas quais a sociedade comumente passa. Daí tantos responsáveis pelo cuidado e educação infantil recorrerem, por exemplo, a uma produção editorial, cultural e televisiva destinada a ensinar ao público as novas abordagens relativas à saúde física e mental das crianças, aos novos desafios no relacionamento entre gerações diferentes, ou às novas exigências para a criação dos filhos, frente a um mundo cada vez mais competitivo e tecnológico.

Por um lado a televisão, o rádio, os computadores e outros eletrodomésticos, assumem o papel de fornecer produtos culturais vinte e quatro horas por dia dentro de casa, por outro, atividades ligadas ao ato de consumir transformam-se em eventos culturais para a maior parte das pessoas. Os produtos culturais da era pós-moderna estão tão diretamente ligados à vida das pessoas, que sua função passou a ser imediata. Quase uma função pedagógica.

É como se eles fornecessem às pessoas “em um mundo pretensamente caótico, algo como critérios para sua orientação.” (ADORNO, 1987, p.292). A ideologia da indústria cultural tem aí, portanto, seu momento de verdade. Uma vez que está intimamente ligada ao que as pessoas tomam como real.

O programa Supernanny e os demais produtos culturais relativos ao cuidado infantil estão situados em uma realidade à primeira vista caótica em relação à infância, e apresentam, assim, uma possibilidade de orientação não apenas prática, mas também mental para os pais.

Os produtos culturais espalhados pelo mundo e indiferenciados das atividades meramente econômicas, levam a racionalidade comercial para dentro da subjetividade inerente a qualquer obra de arte. Dessa forma, conseguir decifrar o produto, para o consumidor, significa decifrar um conteúdo que lhe sugere como o sistema funciona. Ou seja, os esquemas dos produtos culturais refletem esteticamente as relações sociais, e, por isso, colocam-se além da pura diversão.

Esses produtos apresentam marcas que servem como indicadores de como o mundo se organiza. Os indivíduos precisam sentir-se conectados com algum tipo de ordem que os transcenda, e, por isso, quando consomem determinado produto, conservam em mente a ligação deste com o curso de suas vidas. Assim, os produtos culturais servem para sinalizar caminhos possíveis. O consumo de cada produto exige a busca de um sentido que vá além do próprio consumo.

A análise desses produtos pretende revelar, portanto, como esses esquemas surgidos na dinâmica da indústria cultural fazem a ligação entre o indivíduo e a sociedade. E é justamente por exercer essa função na cultura atual que os bens culturais adquirem potencial como objeto de conhecimento sobre a mesma.

### 3.2. REALITY TV E REALITY SHOW

É possível dizer que o objetivo que move a televisão é demonstrar que ela é real e que transmite a realidade, as pessoas de verdade e o cotidiano da sociedade. Uma vez que dessa forma ela pode ser vista como digna de crédito e merecedora da atenção do público; o que lhe dá credibilidade e legitima o ato de assisti-la.

Portanto, grande parte da produção televisiva é fundamentada em tornar-se confiável aos olhos do público, para, como mídia doméstica que permeia o lar de milhões de telespectadores diariamente, não ter seus aparelhos desligados ou relegados ao esquecimento.

Assim, é preciso encontrar lugar na vida privada e rotineira dos telespectadores, se aproximar do público, criar laços, estabelecer uma relação íntima e cotidiana, a fim de garantir a audiência, e realmente estabelecer-se como meio absoluto de comunicação.

Nesse contexto, são inúmeras as estratégias de aproximação criadas pela televisão. Se, em certa etapa do seu desenvolvimento, ela procurou reproduzir o cotidiano vivenciado pelo público, como, por exemplo, nas novelas, agora vai além e almeja trazer o telespectador para dentro da programação, a fim de ratificar sua marca de veracidade. Nessa estratégia, as experiências vividas tornam-se as grandes protagonistas dos programas, e estruturam essa forma de televisão que tem sido denominada de Reality TV.

A Reality TV é uma variedade da programação televisiva atual que tornou-se modelo para os mais diversos formatos televisivos. Embora o formato mais associado à Reality TV seja o Reality Show, ela não se restringe a ele, e leva para a programação em geral estilos e técnicas que visam tornar seus textos mais reais.

Na televisão brasileira, por exemplo, além dos Reality Shows, são exemplos da Reality TV programas como: O Domingão do Faustão, Domingo Legal, Pânico na TV, Caldeirão do Huck, O programa da Márcia, entre outros programas de auditório similares.

O que caracteriza um programa como parte da Reality TV não é propriamente seu formato, mas a utilização de elementos de linguagem que aproximam a ficção da realidade. É essa aproximação que dá destaque à Reality TV, e a coloca como a “menina dos olhos” da televisão atual. Tendo em vista que, enquanto outros formatos de programas admitem limites entre o mundo real e o mundo midiático, a Reality TV busca eliminá-los.

Entretanto, o processo que busca reproduzir com total fidelidade os acontecimentos do mundo real na televisão configura-se em uma simulação. Uma vez que tal processo constitui-se em um conjunto de técnicas empregadas na produção televisiva dentre os quais destacam-se: a câmera escondida, a participação de pessoas anônimas na programação, a exibição de celebridades como pessoas comuns, a reconstituição de fatos reais, a exibição do “antes e depois”, a observação do cotidiano das pessoas reais, etc.

Por um lado, a busca pelo formato da Reality TV deve-se a fatores econômicos, tendo em vista que é mais barato produzir programas com pessoas anônimas do que com celebridades. Uma vez que as pessoas comuns se dispõem a aparecer na televisão, na maior parte das vezes, de graça, ou no máximo em troca de um cachê simbólico, enquanto os artistas cobram em geral altas quantias para aparecer em determinado programa. Além de ser mais barato utilizar-se de formatos televisivos que não requeiram cenários e figurinos caros e trabalhosos, assim como a necessidade de se contratar profissionais altamente disputados e bem remunerados como produtores e roteiristas.

Por outro lado, há o interesse do público nesse tipo de formato, devido a uma espécie de “voyeurismo midiático”, ou seja, uma vontade de observar a vida alheia através do “buraco da fechadura”, a partir dos meios de comunicação. Em outras palavras, a fascinação pela vida do outro, que a televisão utiliza como isca para prender a atenção do público.

Entrever pelo vão da cortina, olhar pela fresta da janela, observar através do buraco da fechadura, são atos associados à dinâmica da simulação. E são todos atos invasivos, proibidos, que seduzem o público pela possibilidade de bisbilhotar. Assim, constrói-se o “voyeurismo midiático”, que procura manter a atenção do público neste ou naquele programa, tendo em vista as inúmeras possibilidades de opções que o telespectador tem para mudar de canal.

A utilização televisiva desse “voyeurismo” tem por objetivo instigar a curiosidade do indivíduo, levá-lo a buscar o que se passa na privacidade das outras pessoas, em suas casas,

em seus estilos de vida. Dessa forma, são coletados hábitos, histórias e comportamentos de diferentes modos de viver.

Tal utilização também demonstra que a televisão é muito mais do que simplesmente um aparelho que transmite imagens do cotidiano para um público que as recebe passivamente. Com a Reality TV, a televisão opera não apenas como emissora da programação, mas também como receptora, captando a vida diária do público, e devolvendo a ele esse mesmo conteúdo em formato midiático. Ou seja, a televisão se propõe a colher textos que fazem parte do mundo real, desmontá-los, selecionar algumas partes, e utilizá-las para elaborar outros textos, que irão compor sua programação.

A televisão, nesse caso, atua como uma janela indiscreta que traduz a vida cotidiana como espetáculo, e expõe a vida privada de anônimos em público. Sendo que esses anônimos representam milhões de telespectadores que, dessa forma, assistirão a si mesmos. Trata-se de uma estratégia que legitima a televisão como mídia doméstica.

Em termos históricos, houve uma mudança profunda na noção de privacidade nos dias atuais. Formada com a ascensão da burguesia e com o surgimento da família nuclear moderna, a noção de privacidade sofreu alterações profundas no final do século XX e início do século XXI.

Após essa data, o reconhecimento social passou a ser obtido cada vez mais através da visibilidade. Nos dias atuais, é preciso se fazer ver para ser considerado. Dessa forma, não há mais pudor em expor os detalhes da vida privada para quem quiser ver. A privacidade é colocada à vista de todos. Quanto maior a exposição, maior a visibilidade. E quanto maior a visibilidade, maior a inserção social.

E, em uma cultura onde os meios de comunicação possuem papel preponderante, onde encontrar maior visibilidade do que na mídia? Em uma era onde os meios de comunicação norteiam o mundo, o maior reconhecimento possível só pode ser encontrado no espaço midiático. O espaço que transforma a vida privada em vida pública através da superexposição, e que dá visibilidade ao anônimo, ao exibi-lo como celebridade.

Para que isso ocorra, é preciso adentrar a vida privada. Então nada melhor do que acompanhar a rotina e o dia-a-dia alheio, uma vez que são justamente os atos cotidianos do outro que revelam o seu mundo pessoal. Entretanto, é importante lembrar que a exibição do cotidiano das pessoas na televisão é condicionada à montagem dos episódios, que seleciona e organiza os fragmentos audiovisuais captados no mundo real, e transforma-os em textos do mundo midiático.

Ainda que a Reality TV sirva de modelo para a programação televisiva como um todo, é preciso considerar que a maior parte dos formatos televisivos influenciados por ela já existiam antes do seu advento, o que permitiu a essa variedade televisiva passar quase despercebida.

No entanto, o surgimento do Reality Show, um formato advindo desse modo de se fazer televisão, e totalmente pautado por sua lógica de seu funcionamento, conferiu grande visibilidade à Reality TV. Uma vez que o impacto do Reality Show é tão grande que não se restringe apenas à televisão, mas afeta os meios de comunicação em geral.

Segundo Cosette Castro, em seu livro *“Por que os reality shows conquistam audiência?”*, “é essa mistura de gêneros que traz a sensação de algo novo, pela mescla de vários formatos já conhecidos e aprovados pela população.” (CASTRO, 2006, p. 29).

O Reality Show é, na visão da autora, um gênero televisivo que cumpre um “papel importante na história das formas de espetacularização entre televisão e audiência, seja através da informação, da ficção ou do entretenimento” (CASTRO, 2006, p. 39), revelando as mudanças pelas quais passa a TV, entre elas “o fim da fronteira entre o espaço público e o privado”.

Há Reality Shows que privilegiam a informação e outros que dão maior atenção ao entretenimento, embora o formato sempre exiba uma mistura dessas duas vertentes. Mesmo quando informa, ele deve entreter, e quando entretém, deve informar.

O programa Supernanny é um Reality Show no qual o “voyeurismo midiático” ocupa uma posição de destaque, tendo em vista que enquanto a Supernanny ensina aos pais as técnicas para disciplinar as crianças no programa, milhares de pais em casa pegam carona nessas aulas e “aprendem” a educar seus filhos com o auxílio da televisão. Mas, além disso, também encontram entretenimento, uma vez que o público se diverte ao entrar na casa dos outros e ver como eles criam seus filhos.

Nesse contexto, situações rotineiras como o choro sem motivo, a alimentação fora de hora, a manha, os momentos de irritação, etc., tendem a assumir outra dimensão no mundo midiático, já que na televisão esses momentos são supervalorizados pela montagem, e repetem uma estrutura narrativa que dialoga com as novelas.

### 3.3. A GÊNESE DO PROGRAMA SUPERNANNY: OS MANUAIS DE AJUDA AOS PAIS

Desde as duas últimas décadas do século XX, a educação passou a ser um tema recorrente nos diferentes tipos de mídia. Comparando com cinquenta anos atrás, é possível

perceber que hoje os pais demonstram uma insegurança ao cuidar de seus filhos, que seus pais e avós não apresentavam.

Essa insegurança crescente tem levado os pais a buscarem cada vez mais a ajuda de especialistas para lidar com questões cotidianas em crianças, como crises de choro, teimosias incontornáveis, exigências de consumo, etc.

Ao prestar atenção no número infindável de publicações especializadas disponíveis atualmente, que abordam questões relacionadas ao cuidado com os bebês, crianças pequenas e adolescentes, é possível constatar que é cada vez maior o número de homens, e, principalmente mulheres, que parecem não ter a menor idéia de como criar seus filhos.

O desejo de ter filhos vem atualmente acompanhado de uma crescente ansiedade e de dúvidas sobre praticamente tudo: o parto, a amamentação, as atitudes em relação ao comportamento do bebê, o melhor método para educar as crianças, a melhor forma de lidar com as transformações da adolescência, etc.

Ao longo dos últimos quarenta anos, o mercado editorial de livros e revistas especializadas sobre crianças, e a relação destas com seus pais, vem crescendo exponencialmente. Possivelmente na mesma medida em que a insegurança desses pais em relação ao cuidado com seus filhos.

De um lado é possível ver uma variedade infindável de opiniões e conselhos dos mais diversos especialistas, como pediatras, psicólogos e pedagogos. E de outro, a avidez silenciosa dos pais-leitores, que admitem não saber nada, ou muito pouco, sobre a criação dos seus filhos.

As origens desse quadro atual remontam ao século XIX, no qual houve a constituição da especialidade médica pediátrica e de seu projeto formativo e educativo, a Puericultura. Projeto que visava melhorar a saúde e as condições de vida das crianças, por meio do aconselhamento e educação de seus pais, e em especial das mães, por serem consideradas as principais responsáveis pelo cuidado infantil.

A execução desse projeto exigiu, necessariamente, o estabelecimento de um meio de comunicação entre os especialistas e as mães, que fosse eficaz e que atingisse a maior audiência possível. As mulheres das classes altas e letradas foram as primeiras a receber as orientações médicas, por serem consideradas mais permeáveis aos conselhos sobre a saúde física, mental e moral de seus filhos.

Entretanto, um grande número de mães das classes menos abastadas continuava alheio aos conhecimentos da nova ciência intitulada puericultura. A fim de suprir essa demanda, os médicos passaram a escrever livros em linguagem mais simples, traduzindo para essas mães

os conhecimentos especializados sobre a infância. Passaram também a responder as cartas que as mesmas escreviam para as seções de jornais e revistas, a realizar palestras e pequenos cursos de puericultura, e a utilizar o rádio, meio de comunicação de massa do século XX, ampliando consideravelmente a audiência de seus discursos.

Livros como “*Vamos criar seu filho!*” de Carlos Prado, publicado em 1938, e “*Cartilha das mães*” de José Martinho da Rocha, publicado na mesma época, são exemplos do início do processo de consolidação da autoridade do especialista em crianças, e da relação deste com a mãe. Relação que desde o início constituiu-se desigual e assimétrica, e que sempre expressou não apenas a diferença entre o leigo e o especialista, mas também entre os gêneros.

A construção do texto de aconselhamento médico contrapôs de um lado o especialista, seu conhecimento e autoridade, e do outro a mãe, moldada pela natureza, mas sem conteúdo ou conhecimento, e à espera da condução do médico. Desse modo, os especialistas construíram não somente o saber puericultor, mas estabeleceram também as bases para a educação das mães, ao afirmar que elas nada ou pouco sabiam a respeito dos seus filhos e da melhor forma de criá-los; desqualificando qualquer saber que não viesse do especialista.

Os especialistas criaram, assim, as condições para a legitimação de sua autoridade, ao mesmo tempo em que semearam a desconfiança sobre os conselhos passados por outras pessoas, como avós, sogras, vizinhas, amigas; taxando-os de ignorantes e nocivos para a saúde das crianças.

As mães ficaram, então, com a solidão de suas inquietações, e a responsabilidade crescente de uma maternidade que não devia ser compartilhada com ninguém além do médico. Que, por sua vez, as conduziria, educaria e corrigiria, a fim de que não se desviassem dos ensinamentos produzidos pelo conhecimento dos especialistas.

O hábito de se chamar o médico para atender nas casas das famílias foi tornando-se comum a partir do final do século XVIII, assim como a entrada do mesmo na cena do parto. A aproximação entre médicos e mulheres, a princípio bastante restrita às classes altas, possibilitou maior conhecimento sobre a gravidez, o parto, os primeiros cuidados com o recém-nascido e as doenças infantis, ampliando a confiança das mães nos médicos para atendê-las e a seus filhos.

A partir da década de 1860, a pediatria começou a dar os seus primeiros passos como especialidade médica, acompanhando a evolução de outras especialidades como a obstetrícia, a ginecologia e a psiquiatria. Sendo que seu surgimento permitiu a articulação entre a prática

da clínica médica e a investigação científica dos fenômenos fisiológicos relacionados à criança.

Na França, a pediatria desenvolveu-se nas últimas décadas do século XIX, tanto no aspecto clínico e cirúrgico como no aspecto preventivo, lançando as bases da “ciência e arte que tratam da procriação e criação da espécie humana, a puericultura.” (COSTA, 1955, p.11). Médicos como Pinard, Budin, Dufour e Variot dedicaram-se à clínica médica pediátrica e à profilaxia, defendendo a necessidade de medidas preventivas de caráter educativo, voltadas essencialmente para as mães.

Entretanto, os médicos perceberam que os conselhos dados nos consultórios ou nas visitas aos domicílios não eram suficientes. Por se tratar de uma tarefa antes de tudo educativa, os especialistas passaram a utilizar-se de métodos modernos de comunicação que pudessem atingir ao maior número possível de mães. Iniciava-se, portanto, a partir das primeiras décadas do século XX, a pedagogia materna. A princípio conduzida pelos médicos, ela foi posteriormente relegada às escolas, que passaram a ensinar noções básicas de higiene infantil, doenças infantis e primeiros socorros.

Nesse contexto, a lição mais importante a ser ensinada nesse processo pedagógico foi a definição das competências e responsabilidades de cada um: aos médicos cabia o papel de mestres, e às mães a responsabilidade de seguirem os conselhos de seus mestres, a fim de assumirem seu papel de maneira consciente e bem informada.

A produção do saber médico especializado em crianças veio acompanhada do crescimento da literatura de aconselhamento para as mães. Movimento iniciado no final do século XIX nos EUA e em alguns países europeus, sendo os EUA pioneiros no lançamento desse tipo de publicações.

Os médicos, então, passaram a escrever sobre o assunto, partindo do pressuposto de que não havia um modo natural de se criar os filhos, ou seja, de que as mães, por mais amorosas e bem intencionadas que fossem, cometiam muito erros, e deviam ser guiadas pela racionalidade científica da medicina e dos especialistas.

De uma forma geral, a pedagogia materna que começou a ser formulada pelo pensamento médico puericultor partiu de uma concepção marcadamente autoritária e assimétrica das relações entre médicos-mestres e mães-discípulas. Ao estabelecer um abismo entre o saber médico e o saber leigo das mães, os especialistas desqualificaram qualquer prática que não tivesse embasamento científico ou profissional.

No Brasil, a pedagogia materna recebeu um impulso significativo com o projeto médico higienista, iniciado no século XIX, com a institucionalização do conhecimento



médico nas faculdades de medicina. Os médicos passaram, então, a escrever para as mães por meio das revistas femininas, pelas respostas a cartas de leitoras para jornais, e através de livros escritos exclusivamente para elas. Assim, levaram em conta o vocabulário simples, a estrutura em capítulos curtos, o estilo direto e objetivo, e o uso de ilustrações e fotografias. Diferentemente dos livros publicados no século XIX, esses novos livros escritos para a educação das mães foram estruturados para servirem de manuais.

Martinho da Rocha, por exemplo, recomendou a aprendizagem dos elementos da pedagogia materna, uma vez que tratou em seu livro de assuntos como os castigos corporais, as teimosias infantis, os tipos de brinquedos adequados, a conveniência dos jardins de infância, etc. Já que, segundo o autor:

...com ordem e método na vida, aliados à disciplina, resultante da frequência ao jardim de infância, ao lado da regularidade alimentar e funções psíquicas guiadas convenientemente (dosagem de excitação intelectual), muito lucrarão o físico e a inteligência. (ROCHA, s.d. p.132).

Por volta da década de 1960, encerrou-se uma fase da pedagogia moderna e iniciou-se outra na qual a ênfase sobre a criança passou a ser cada vez maior, sendo introduzidos conhecimentos sobre a psicologia e as questões comportamentais.

Se no começo do século XX o grande problema era a mortalidade infantil, devido a doenças relacionadas à má nutrição e às condições precárias de higiene, a partir da década de 1960 as seções escritas pelos especialistas nos livros e revistas passaram a dar cada vez mais importância às relações afetivas entre pais e filhos.

De resultados para as mulheres, a pedagogia materna que se consolidou no século XX deixou a ansiedade e a insegurança em relação à maternidade, ao produzir o temido mito da mãe perfeita. Além disso, foi responsável também pelo aumento do isolamento dessas mães, uma vez que pregou que ao terem o pediatra e outros especialistas para orientá-las, elas não precisavam mais recorrer aos conselhos de suas avós, sogras ou amigas.

E foi justamente para consolidar esse laço entre mães e especialistas que os médicos obstetras e pediatras tanto escreveram e militaram, procurando transformar essas mulheres em mães devotadas, discípulas obedientes e leitoras agradecidas.

#### 4. SUPERNANNY

Nesse capítulo abordarei um pouco mais as especificidades do programa Supernanny. Para tanto, descreverei seu surgimento, a escolha de sua protagonista e a expansão para os demais países. Demonstrarei que o programa está situado no tipo de Reality Show denominado de “intervenção”, no qual um indivíduo ou grupo de indivíduos solicitam a presença de um especialista, a fim de que ele possa melhorar ou mudar completamente um aspecto que não o(s) agrada em suas vidas.

Falarei um pouco sobre os recursos televisivos utilizados no programa, traduzidos no estilo documentário, na câmera como ponto de vista – pretensamente neutro e objetivo –, e na utilização de depoimentos dos integrantes do programa, como os pais e a Supernanny.

E, por fim, analisarei as técnicas utilizadas no programa, através do modelo construtivista de Jean Piaget. Modelo no qual o autor defende o estímulo ao desenvolvimento de uma moral autônoma nas crianças, que as leve a uma futura auto-regulação, sem a necessidade de uma autoridade externa. Buscando com essa análise entender se os métodos utilizados e ensinados pela Supernanny em seu programa, colaboram ou não para o desenvolvimento da autonomia nas crianças.

##### 4.1. O PROGRAMA

O programa Supernanny foi exibido pela primeira vez em julho de 2004, pelo canal Channel 4 da Inglaterra. Sua protagonista era a inglesa Joanne A. Frost, ou Jo Frost, como gosta de ser chamada, que também tornou-se a protagonista da versão americana do programa, produzido pela emissora ABC. Após nove temporadas muito bem-sucedidas, o programa britânico foi interrompido.

Joanne “Jo” Frost nasceu em 27 de junho de 1971, em Londres, na Inglaterra. Além de ter sido protagonista do programa Supernanny por quase nove anos, escreveu também três livros sobre o cuidado infantil: *“Superbabá: como tornar seu filho a melhor criança que ele pode ser”*, *“Ask Supernanny: what every parent wants to know”*, e *“Jo Frost’s confident baby care”*, sendo que os dois últimos não foram traduzidos para o português.

Apesar de não ter nenhum filho, Jo Frost possui vinte e um anos de experiência no campo do cuidado infantil, tendo trabalhado no início de sua carreira como babá no Reino Unido. É interessante constatar que a protagonista não tem nenhuma formação acadêmica no ramo infantil, como pedagogia, psiquiatria ou psicologia. Ela realmente é uma antiga babá

que, ao longo de seus anos de trabalho, desenvolveu e aprimorou técnicas a respeito do comportamento das crianças, que mostraram-se tão eficazes que lhe renderam um programa de televisão.

Em seu livro *“Superbabá: como tornar seu filho a melhor criança que ele pode ser”*, ela descreve seu início de carreira da seguinte forma:

Não acordei numa bela manhã e decidi ser babá. A coisa toda simplesmente aconteceu. Porém, pensando bem, meu primeiro trabalho foi em uma loja para gestantes. Portanto, não é surpresa que tenha acabado trabalhando com crianças. (FROST, 2011, p.9)

Em relação ao cuidado infantil, seu foco sempre esteve na manutenção da consistência do comportamento dos pais e da autoridade, e na criação de um ambiente seguro e pacífico para as crianças, onde elas pudessem se sentir felizes.

Quanto às técnicas empregadas, sempre foi uma defensora ardorosa do “degrau do malcriado” como forma de punição aos erros cometidos pelas crianças, no lugar dos castigos corporais. Nessa técnica, a criança deve permanecer sentada, um minuto por cada ano de idade, em um degrau de escada, banco, cadeira, sofá, etc., sempre que fizer alguma coisa errada.

A série obteve tanto sucesso em seu país de origem que foi exportada para outros 49 países ao redor do mundo, dentre estes o Brasil, onde estreou em 1º de abril de 2006. A protagonista escolhida para a série brasileira foi a argentina, naturalizada no Brasil, Cris Poli.

A versão brasileira da série é exibida desde 2006 pelo canal de TV SBT (Sistema Brasileiro de Telecomunicações), e já encontra-se em sua 9ª temporada. Sendo que a protagonista e pedagoga Cris Poli foi escolhida após uma longa seleção entre várias candidatas.

No site do programa brasileiro, a chamada que descreve o programa diz:

A cada episódio, ela atende ao apelo desesperado de pais que perderam o controle na educação de seus filhos. E o que Cris Poli geralmente encontra é um casal emocionalmente desestruturado, enfrentando crianças que choram demais, brigam demais e desrespeitam demais, porque no fundo gritam por limites. Ela mostra como organizar uma rotina, como impor regras claras e associá-las ao cantinho da disciplina [equivalente brasileiro ao “degrau do malcriado”], e como passar a ter atitudes simples, como brincar com seu próprio filho, transforma o ambiente de uma casa. Educar uma criança pode ser muito mais saudável e divertido do que se pensa. E se você ainda não descobriu isso, está na hora de chamar a Supernanny.

Os programas nos diferentes países seguem, de maneira muito similar, a linha do programa original britânico, que funciona da seguinte forma: os pais apresentam seus problemas em relação a seus filhos, ao mesmo tempo em que imagens do comportamento relatado são exibidas: desobediência, dificuldade para comer, teimosia em ir dormir, briga entre irmãos, etc., e pedem a ajuda da Supernanny, que assiste a tudo via vídeo, em um laptop que carrega consigo, enquanto encontra-se sentada no banco de trás de um típico táxi inglês.

Ela, então, vai até a casa dos pais que a chamaram, e fica por um dia inteiro observando o comportamento das crianças e a relação destas com seus pais e irmãos. Na manhã seguinte, sentada em uma mesa com os pais, expõe todos os problemas que verificou, e pede a colaboração deles para que consigam resolvê-los.

O passo seguinte é, então, mostrar as técnicas através das quais pretende resolver todas as questões levantadas. Esses métodos são aplicados pela família por alguns dias com a supervisão da Supernanny. Após esses dias iniciais, ela se ausenta por um tempo – convencionalmente uma semana –, e pede para que os pais continuem seguindo as técnicas desenvolvidas. Após essa semana de ausência ela retorna, e senta-se novamente à mesa com os pais para que eles possam ver juntos os vídeos dos dias passados longe dela.

Ela, então, elogia os momentos nos quais os pais foram firmes e seguiram as regras propostas, e aponta os erros que precisam ser melhorados, que referem-se aos momentos onde os mesmos agiram de modo diferente das técnicas instituídas. A Supernanny permanece por mais algum tempo corrigindo os pais e ajudando-os a aprimorarem seus métodos, e, após tudo ser resolvido, se despede de vez da família.

Pelo contexto do programa é possível afirmar que o modelo do mesmo segue o esquema definido pelo tipo de Reality Show denominado de “intervenção”. Sendo que esse tipo de programa configura-se em um desdobramento do Reality Show original, no qual especialistas dão dicas e entram em cena a fim de resolver problemas específicos de uma pessoa ou grupo de pessoas.

#### **4.1.1. O fenômeno dos Reality Shows de intervenção**

A mídia, de uma forma ou de outra, sempre precisou de especialistas. Pessoas das mais variadas áreas sempre foram chamadas a falar sobre alguma pauta dos programas televisivos. Quando houve o ataque ao World Trade Center, em 11 de setembro de 2001, por exemplo, especialistas em táticas militares, em segurança pública, em geopolítica, em

islamismo, e outras áreas relacionadas, ganharam visibilidade nos noticiários e programas de TV. Nesses casos, o especialista sempre foi alguém que contribuiu pontualmente para o programa, enquadrando-se em um elemento a mais no formato estabelecido – jornalístico, entrevista, talkshow.

Entretanto, nos Reality Shows de intervenção os especialistas ganharam o centro da cena. De coadjuvantes passaram a protagonistas, colocando-se na posição de serem, além de conhecedores de suas respectivas áreas, comunicadores. Nesse contexto, a boa desenvoltura para falar diante das câmeras tornou-se um elemento tão importante quanto os conhecimentos específicos de cada área.

Assim, o aconselhamento comportamental saiu dos consultórios e foi parar nos meios de comunicação. Uma análise de mídia realizada pela Agência de Notícias dos Direitos da Infância (ANDI, 2002), mostra que as colunas de consulta presentes na mídia são consideradas como um espaço de interatividade e de prestação de serviços. Nelas, jovens leitores, ouvintes e telespectadores podem tirar dúvidas sobre sexo, drogas, saúde e afetividade, junto a algum especialista, o que nem sempre ocorre em espaços como a escola, a família ou os consultórios tradicionais. A análise mostra que esses serviços midiáticos se instalam nas lacunas dos serviços públicos. Já os veículos de comunicação utilizam esse recurso para estreitar os laços com seu público, e assim conseguir novas pautas.

Os aconselhamentos sobre a boa condução da vida, em seus diversos aspectos, recebem tratamento midiático, precisando adaptar-se ao tempo e à linguagem de cada meio. Os temas, por mais delicados que sejam, precisam ganhar uma dimensão televisiva, e ser apresentados em uma linguagem clara e acessível. A linguagem televisiva mostra-se não apenas como uma moldura para os mais diversos assuntos, mas como uma forma com regras próprias, que são capazes de enquadrar e direcionar todas as outras linguagens.

O fenômeno dos Reality Shows, em seu já clássico modelo por confinamento – traduzido em programas como Big Brother Brasil, Casa dos Artistas, etc. –, parece viver uma mutação. As famosas “casas” têm dado lugar a ambientes híbridos e flexíveis. Se antes imperava a vigilância contínua, agora é valorizada a mudança permanente, da casa, do corpo, da família.

Esses Reality Shows de intervenção são as audaciosas e frutíferas apostas da TV atual, presentes em diversos programas na TV brasileira e na TV por assinatura. Dessa vez, porém, diferentemente dos Reality Shows originais, os programas são focados na reformatação ou reprogramação dos corpos, e da vida como um todo. Sendo que o mais interessante nesses

programas é o fato de a demanda vir dos próprios indivíduos, que pedem para serem motivados, turbinados, “plastificados” e totalmente reconfigurados.

Sob os programas de intervenção cirúrgica, ganham novos narizes, novos seios, novas barrigas, novos estômagos reduzidos, novos rostos, novos sorrisos. Fazem lipos, liftings e peelings. Já sob os programas de transformação do ambiente, da aparência e da família, ganham novas casas, novos móveis, novos guarda-roupas, novos cortes de cabelo, novos filhos, novas famílias. Parece que uma verdadeira pedagogia e tecnologia para ser aceito, mais belo, seguro, confiante, feliz e bem-sucedido está disponível.

Se uma pessoa está incomodada, ou incomodando alguém, com sua falta de estilo e péssimo gosto para se vestir, é possível chamar a equipe do programa Esquadrão da Moda (Discovery Home & Health) para ajudar. Cada episódio tem como foco principal uma pessoa, indicada por amigos ou familiares, como alguém de péssimo gosto para moda, e que precisa urgentemente de ajuda. A pessoa que será alvo do aprimoramento é filmada escondida por duas semanas, para que os especialistas possam avaliá-la. Em seguida é colocada no “temido” conjunto de espelhos de 360°, é informada sobre o plano para ensiná-la a se vestir, e orientada sobre as novas regras que deverá seguir, que irão valorizar suas características e estilo pessoal.

Da mesma maneira, pessoas com hábitos insatisfatórios de alimentação, com dificuldades para lidar com seu animal de estimação, com problemas para controlar crianças ou adolescentes, ou com necessidade de ajustar suas finanças, buscam a ajuda de programas que, por meio de seus especialistas, vão resolver aquele problema específico.

Essa assessoria pessoal é, então, transformada em uma narrativa com um padrão bastante definido: apresentação do problema (realidade insatisfatória), apresentação das regras e métodos (confronto do indivíduo com a mudança), implantação dos conselhos (possíveis conflitos diante das dificuldades e da resistência a mudanças), e resultado final (transformação da realidade e final feliz).

Esse esquema narrativo que se repete nos Reality Shows de intervenção coloca o especialista como uma espécie de herói, que enfrenta uma situação caótica inicial e mobiliza seus poderes – conhecimento e experiência – para resolvê-la. No caso do programa Supernanny, como cada episódio trata de um caso diferente, esses “poderes” são postos à prova de maneiras variadas: casos de casais com um, dois, três filhos, de casais em que o pai fica ausente por causa do trabalho, de famílias chefiadas por uma mãe solteira, etc.

A capacidade de adaptar os conhecimentos às situações exigidas é um dos elementos que garantem a legitimidade da Supernanny. As soluções a problemas tão variados são

possíveis porque o que garante a eficiência das ações é uma espécie de “forma sem conteúdo”. Trata-se de um modo de organização da vida que transcende o caso específico do cuidado infantil. A figura do especialista encarna valores que estão disseminados na sociedade na forma de uma racionalidade que busca colocar sob controle cada mínimo aspecto da vida.

Dessa maneira, o erro – fruto da irracionalidade –, deve ser conhecido sob todos os aspectos, atacado em todas as suas causas, e, por fim, eliminado. Uma vez que sua presença significa um obstáculo à felicidade. Assim, vestir-se bem, estar no peso certo, manter a ordem da casa, e saber cuidar adequadamente dos filhos, tornam-se aspectos de uma mesma tendência social rumo à administração total da vida.

#### 4.2. OS RECURSOS TELEVISIVOS UTILIZADOS

O programa *Supernanny* é um Reality Show que explora recursos audiovisuais já usados em outros programas, pertencentes ou não a esse gênero, com o propósito de estabelecer uma conexão com o seu público, que já está previamente familiarizado com determinadas formas de representação da realidade.

O programa necessita de formas de tratamento dos temas que garantam sua correspondência com o real, pois, na condição de manual televisivo de ajuda a pais, ele precisa fazer crer que suas dicas e conselhos podem ter um efeito sobre a realidade. Isso é realizado pela introdução de câmeras como elementos de observação, pretensamente neutros e objetivos, e pelo uso de depoimentos para captar a expressão de sentimentos dos retratados, que podem ser pensados como referência aos programas em estilo documentário.

Essa invasão do lar feita pelas câmeras conta, naturalmente, com o consentimento dos pais. Dessa maneira, a intervenção dos especialistas sobre a organização familiar recebe um tratamento de diversão. Tendo em vista que, desde o momento em que programas como *Big Brother Brasil* fizeram da onipresença das câmeras de vigilância um atrativo lúdico, o público pôde aceitar e compreender esse recurso como algo natural.

Por isso, a familiaridade com a exploração da privacidade na televisão torna-se um elemento fundamental para que o telespectador possa interpretar corretamente a forma de tratamento dos temas expostos no programa *Supernanny*. Assim, o especialista invade o lar com a cumplicidade dos pais, e torna-se, além de alguém capaz de conhecer a verdade sobre o cuidado infantil, uma celebridade.

Esses três recursos: o estilo documentário, a câmera como ponto de vista, e os depoimentos, passam a funcionar, então, como formas de articulação dos conteúdos do

programa, e se convertem, assim, em elementos que permitem a análise do programa enquanto produto televisivo atual.

Supernanny é um formato televisivo que extrai grande parte da sua atração do realismo de suas cenas. Por realismo, entende-se aqui a referência a um mundo existente antes e depois dos momentos registrados pelas câmeras. Ou seja, deve estar pressuposto para o público que as cenas vistas pela televisão são uma continuidade da vida real daqueles personagens.

O programa precisa explorar esse realismo porque sua mensagem pretende ser a efetivação de uma série de conceitos sobre as relações familiares. Os métodos para alcançar o melhor resultado na organização do lar e na criação dos filhos devem mostrar efetividade na vida de pessoas reais, que sofrem de fato com os problemas apresentados no programa, e que pretendem encontrar alguma orientação durante a visita da Supernanny.

A realidade torna-se, portanto, uma espécie de legitimadora do discurso do programa. Se os casos fossem apresentados como ficção, a racionalidade dos métodos aplicados pela apresentadora seria colocada sob suspeita, uma vez que essa racionalidade se sustenta justamente em sua capacidade de dar resultados práticos.

Diante dessa necessidade de legitimação, o realismo precisa ser reconhecido pelo público. A familiaridade desenvolvida pelo público com a televisão-realidade, sobretudo ao longo dos últimos anos, desobriga os produtores de enfatizarem, por meio de algum aviso externo, que tratam-se de casos reais, que os personagens não são atores, ou que a casa ou apartamento da família não são cenários.

Todo novo formato introduzido no mercado de bens culturais sempre carrega consigo marcas daqueles formatos que o antecederam e que alcançaram algum tipo de sucesso, para que os consumidores identifiquem formas de consumo sedimentadas em sua experiência passada. Assim, a invasão de uma câmera à vida privada de um indivíduo ou de uma família não causa escândalo no telespectador atual, em grande parte porque essa exposição vem sendo explorada já há algum tempo, seja como possível ponte para o sucesso, seja como um reforço subjetivo proporcionado pela visibilidade midiática.

Além de contar com esse fator contextual-histórico de reconhecimento, a estratégia adotada pela produção do programa Supernanny para gerar um efeito de realidade apóia-se em outro formato midiático familiar a grande parte dos telespectadores: o documentário. E há no programa pelo menos dois elementos que podem ser identificados, e que remetem a esse estilo: a câmera como ponto de vista e o depoimento.



No programa, a câmera entre no lar inicialmente para captar os problemas familiares que levaram os pais a pedirem a ajuda da Supernanny. Esse momento é chamado pelo programa de “Observação”, quando a apresentadora converte-se em personagem diante da câmera, a fim de observar o desenrolar da vida cotidiana daquela família.

Ela, então, costuma insistir para que as pessoas “fiquem bem à vontade”, e que ajam exatamente da maneira como agiriam caso ela não estivesse ali. Essa insistência demonstra sua vontade em se tornar invisível, e de ser uma observadora neutra de uma realidade que se desenrola livremente, e que pode ser percebida por ela e pela câmera – também pretensamente um olho invisível e objetivo.

A atuação da câmera nesse caso é uma tentativa de constituir-se em um ponto de vista que conduzirá à narrativa, buscando os acontecimentos que, de alguma maneira, estejam adequados a seus interesses. Uma vez que, caso a presença dela atue de maneira a impedir que o conflito existente se desenrole normalmente, o interesse naquela história se perderá.

A espontaneidade que o programa Supernanny pretende captar deve funcionar como um indício de veracidade e de realidade. Os problemas familiares só serão revelados plenamente se os participantes agirem como sempre, sem deixar que a presença de um elemento estranho modifique sua ação. Se os pais passarem a agir de forma diferente, temendo alguma represália ou advertência da especialista, a razão de ser do programa desaparece.

É comum que haja certo temor diante do especialista, tendo em vista o lugar que ele assumiu na sociedade contemporânea como detentor da verdade sobre os mais diversos assuntos. As modificações no comportamento dos pais, diante da situação incomum imposta pelo programa, são fruto da posição que médicos, psicólogos e pedagogos assumiram na organização da vida familiar nos dias atuais. As dúvidas e os medos dos pais diante do que é certo ou errado, do que se deve proibir ou permitir, ou do que se deve falar em determinado momento, os colocam na defensiva.

A ação espontânea dos pais é tratada pelo especialista como irracional, como uma disfunção educativa que deve ser contida. Entretanto, paradoxalmente, essa ação é mantida no momento da edição do programa, uma vez que tem uma função dentro da trama que ali se pretende construir.

A reação de um pai que bate no filho quando este faz algo errado, por exemplo, por ser ou parecer destemperada, tem sua função dentro do programa. Como o mesmo pretende ser uma observação da realidade, não há roteiros nem definições prévias sobre o que deve

acontecer. Por isso, a apresentadora deve funcionar como ponto de vista norteador da narrativa, que busca os elementos mais adequados à história que o programa pretende contar.

Ao se colocarem como ponto de vista, a Supernanny e a câmera que a acompanha deveriam passar despercebidas, a fim de se tornarem registro neutro e objetivo da realidade. Entretanto, nem sempre isso acontece. Algumas vezes as crianças tentam bater na Supernanny, ou mandam a câmera sair do seu quarto.

Já o depoimento desempenha funções bastante específicas na construção do programa. Diferentemente das cenas que são gravadas a partir da espontaneidade das ações, o depoimento insere no programa um momento de elaboração daquilo que vai se desenrolando. Tanto os depoimentos dos pais quanto os da Supernanny marcam momentos de pausa, explicação, justificativa ou desabafo, que representam um direcionamento dos fatos na organização narrativa dos episódios.

Esses depoimentos são geralmente gravados em outro ambiente que não a casa, e em momentos diferenciados, o que permite certo distanciamento dos depoentes em relação às situações em foco. Em alguns momentos, o depoimento da Supernanny marca uma explicação sobre aquilo que não fica evidente nas cenas. Trata-se de uma interpretação produzida pela apresentadora sobre os acontecimentos da casa, com a finalidade de direcionar o sentido da narrativa. Dessa maneira, a especialista justifica sua intervenção, a partir de uma percepção que só ela poderia ter da situação.

Os depoimentos vão, então, construindo uma espécie de costura dos acontecimentos, que não se dá a partir de um roteiro definido. Eles são apresentados a partir de uma percepção geral da produção sobre o que está em jogo em cada caso apresentado. Para construir personagens, os depoimentos são usados para destacar, por exemplo, certas oposições entre o pai e a mãe.

Essa oposição também revela outra função do depoimento: a de fazer falar o próprio personagem, garantindo, assim, autenticidade ao relato. As expressões dos pais quando fazem seus depoimentos são autênticas, porque revelam diretamente o sentimento deles. Nenhuma outra pessoa poderia dizer a mesma coisa com o mesmo valor para a narrativa. Portanto, são momentos únicos, irrepetíveis, que reforçam o caráter realista do programa.

#### 4.3. ANÁLISE DAS TÉCNICAS UTILIZADAS NO PROGRAMA ATRAVÉS DA VISÃO CONSTRUTIVISTA DE JEAN PIAGET

O objetivo central do programa Supernanny é ensinar aos pais e aos demais telespectadores formas de agir diante de situações que fazem parte do cotidiano familiar. Os pais são ensinados a exercerem sua autoridade, de forma a conseguir a obediência de seus filhos e a melhoria nas relações familiares. As intervenções da Supernanny focam os problemas presentes, buscando resultados rápidos e eficazes, tendo em vista que a apresentadora tem pouco tempo para resolver todas as questões levantadas.

É necessário, entretanto, o questionamento acerca de que tipo de educação está sendo proposta pelo programa, e as prováveis influências na formação moral das crianças que são atendidas pela apresentadora, e dos filhos dos telespectadores. Será que esses procedimentos utilizados com frequência no programa favorecem o desenvolvimento da autonomia e da auto-regulação nas crianças?

Ao nos relacionarmos uns com os outros, é imprescindível a existência de regras que visam à harmonia no convívio social. Contudo, para Piaget, o importante não são as normas em si, mas porque as seguimos. Por exemplo, uma pessoa pode não furtar por medo de ser apanhada, e outra porque os objetos não lhe pertencem. Ambas não furtaram, mas apesar de ser o mesmo ato, possuíam motivações bastante distintas.

Dessa forma, o valor moral de uma ação não está na mera obediência às regras determinadas socialmente, mas no princípio inerente a cada ação. É comum em situações nas quais a criança mente, agride, furta, desrespeita, não compartilha algo, ou é mal educada, que o adulto ensine-a a importância de não cometer tais atos. Mas o mais importante de tudo é como esse adulto fará isso, uma vez que esse processo irá interferir profundamente nas razões pelas quais as normas serão legitimadas.

É importante não confundir autonomia com individualismo, ou liberdade para se fazer o que quiser, tendo em vista que na autonomia é preciso coordenar os diferentes fatores relevantes, a fim de decidir agir da melhor maneira para todos os envolvidos. Levando em consideração, ao tomar decisões, os direitos, sentimentos e perspectivas dos outros.

O indivíduo que é autônomo segue regras morais que emergem dos sentimentos internos, que o obrigam a considerar os outros além de si mesmo, estabelecendo, assim, a reciprocidade. Dessa forma, a fonte das regras não está mais nos outros, ou em uma autoridade – como ocorre com a moral heterônoma –, mas no próprio indivíduo.

La Taille ressalta que:

...a pessoa é moralmente autônoma se, apesar das mudanças de contextos e da presença de pressões sociais, ela permanece, na prática, fiel a seus valores e a seus princípios de ação. Assim, a pessoa heterônoma será aquela que muda de comportamento moral em diferentes contextos. (LA TAILLE, 2001, p.16)

A compreensão desses aspectos das relações entre adultos e crianças é importante porque é preciso considerar que, se os valores morais não estiverem alicerçados em uma convicção pessoal, as crianças e jovens não estarão prontos para seguirem as regras e princípios expostos; especialmente na ausência de uma autoridade ou de algum mecanismo de controle exterior.

É necessário, então, permitir que a criança aprenda a partir das experiências, dos êxitos, dos conflitos e dos erros. O uso do poder e da autoridade desmedida do adulto, por meio da manipulação do comportamento da criança, mesmo direcionado à contenção de comportamentos indesejáveis, podem levá-la a fazer aquilo que os adultos desejam, mas, por ser uma regulação essencialmente externa, reforçará a heteronomia na mesma.

Compreendendo que a heteronomia é necessária, mas que gradativamente deve ir sendo substituída pela autonomia, é importante listar quais os procedimentos mais utilizados pela Supernanny na educação das crianças, a fim de entender as prováveis consequências desses procedimentos no desenvolvimento moral delas, de acordo com a perspectiva construtivista de Jean Piaget.

Ao analisar os episódios dos programas, é possível inferir que os principais objetivos da Supernanny são: melhorar a relação familiar, conquistar maior harmonia doméstica, aumentar a demonstração de afeto entre pais e filhos, resgatar a autoridade materna e paterna, aumentar a obediência das crianças em relação aos pais, e diminuir brigas e conflitos.

Para que isso ocorra, diversas técnicas são empregadas, sendo que algumas são mais recorrentes do que outras e se repetem em basicamente todos os episódios do programa. Os procedimentos mais empregados para o alcance dos objetivos mencionados são: introduzir regras para toda a família, implantar uma nova rotina de atividades, ensinar estratégias não agressivas para alguns integrantes expressarem seus sentimentos uns para os outros, e empregar sanções quando as crianças desobedecem.

A colocação de regras é o procedimento mais incidente nos episódios. As regras são utilizadas para afirmar quais são os comportamentos esperados e os não desejáveis. Assim, diante das dificuldades da família, são propostas regras pela Supernanny como: não chorar ou

gritar sem motivo, não brigar, dormir na hora certa, arrumar os brinquedos depois de brincar, etc. Sendo que no programa é comum o uso de um quadro ou placas para ilustrar as regras.

O objetivo da Supernanny é implantar uma educação mais equilibrada, onde os pais não devem agredir física ou verbalmente seus filhos, descontrolar-se ou agir infantilmente. E onde devem colocar limites ao comportamento indesejado das crianças, impondo-lhes disciplina, e exigindo obediência através das regras, sem que com isso tenham receio de perder o amor filial.

É interessante constatar, entretanto, que as regras apresentadas nunca são revistas ou modificadas, ainda que os pais discordem de alguma delas, uma vez que a Supernanny os convence da necessidade da mesma. Também não se analisa o conteúdo de algumas regras, geralmente decorrentes de situações de conflito entre pais e filhos. Regras que são apresentadas sem que sejam analisadas sua necessidade e qualidade, como, por exemplo, “comer tudo o que está no prato”. E, quando as crianças as desrespeitam, são geralmente aplicadas sanções, e, quando as obedecem, geralmente são dadas recompensas.

Nas situações caóticas em que as famílias atendidas pelo programa em geral se encontram, as regras apresentadas são, em sua maioria, necessárias, e resultam em maior organização familiar e respeito. Entretanto, segundo Piaget, não basta a mera obediência às regras, mas o motivo pelo qual isso ocorre. Consequentemente, é necessário analisar o processo utilizado para que as crianças as cumpram. Uma vez que, além da advertência em caso de desrespeito à norma, a criança geralmente é punida com o “degrau do malcriado”, mesmo que a regra violada seja inconsistente, e que os pais desconheçam os princípios que a justifiquem.

Se a criança simplesmente obedece a uma ordem externa, e não tem a oportunidade de perceber as reais conseqüências de seus atos porque “paga pelo que fez” com um castigo, ela pode não entender a necessidade da mesma, e as conseqüências nas relações com seus pais e irmãos do seu não cumprimento. Uma criança que segue as regras principalmente por regulação externa, ou seja, por obediência à autoridade, ou por medo de ameaças e de punições, pode não mais vir a segui-las conforme for crescendo, e estes mecanismos de regulação forem perdendo força.

O segundo procedimento mais empregado nos episódios é a implantação de uma nova rotina diária após a visita e a observação da dinâmica familiar pela Supernanny. Organizar uma nova sequência de atividades a serem realizadas com horários e objetivos definidos, parece ser fundamental para o êxito do trabalho realizado pela apresentadora.

Essa rotina visa proporcionar momentos para que os pais e as crianças realizem as atividades de que necessitam, como organizar a casa, fazer as refeições, estudar, tomar banho, dormir, etc., além de contribuir para que tenham suas necessidades individuais e coletivas atendidas por meio de momentos diários para o casal, para o convívio da família, para os pais brincarem com as crianças.

A implantação de uma rotina ajuda na estruturação da ordem interna da criança, traz segurança por saber o que ela deve esperar ao longo do dia, e auxilia na organização da vida familiar. Um outro aspecto positivo é que essa rotina é planejada de forma que os pais tenham momentos tanto para o casal como para o convívio com os filhos. Porém seria mais construtivo e eficaz se a rotina fosse discutida, adequando-a às características individuais e grupais da mesma.

A Supernanny reafirma a importância de a rotina ser seguida à risca. Assim, é incentivado o compromisso da família com as regras, atividades e horários. Sendo que no dia-a-dia de uma família, muitas vezes é preciso ter uma certa flexibilidade, havendo a adequação das atividades e horários às circunstâncias, imprevistos, características pessoas, sentimentos e necessidades da família.

As estratégias para a expressão de sentimentos, tais como o “método da caixinha do desabafo”, onde as crianças escrevem em um papel o que estão sentindo e colocam dentro de uma caixinha; o “método do acordo”, onde os pais escrevem em um papel as discordâncias entre si, geralmente em relação às crianças, lêem o que o outro escreveu, e discutem o assunto; o “método da conversa entre pais e filhos”, entre outros, também ocorrem em quase todos os episódios do programa.

No programa é evidente a concepção por parte da Supernanny de que os sentimentos devem ser expressos para desabafar, resolver os conflitos, e favorecer a comunicação e a compreensão entre os integrantes da família. Além do necessário exemplo do adulto, expressando-se e resolvendo os problemas sem violência, submissão ou descontrole, é preciso que os pais demonstrem que não há restrição aos sentimentos, de forma que a criança possa identificá-los e trabalhá-los.

É válido e necessário incentivar a expressão dos sentimentos das crianças, porém é preciso preservar a exposição dos segredos delas e a invasão de sua intimidade. O que nem sempre ocorre. Pois, como afirma La Taille, é necessário que a criança construa suas esferas secretas, e, ainda mais, que possa preservá-las da intrusão de outra pessoa. Uma vez que “o fato de compreender que pode esconder algo reforça, na criança, o sentimento de seu próprio eu” (LA TAILLE, 2003, p.138).

E, por último, o emprego das sanções – traduzido principalmente no método do “degrau do malcriado” –, é outro procedimento comumente utilizado no programa. Esse método consiste em primeiro dar uma advertência à criança que está tendo um mau comportamento, apresentando a regra que está sendo desrespeitada. Na insistência no não cumprimento da regra, um dos pais leva a criança até o local do castigo – que pode ser um banco, uma cadeira, um tapete, um degrau de escada, etc. –, mantém o contato visual com ela, e, de forma calma, porém firme, explica o mau comportamento. A criança permanece no “degrau do malcriado” pelos minutos correspondentes à sua idade, e, passado o tempo, o pai ou a mãe reafirma o motivo pelo qual ela foi colocada ali, pede um pedido de desculpas e um beijo e um abraço.

O uso de mecanismos de controle, como as punições, enfoca o resultado e não o processo de aprendizagem da criança. Apesar de funcionarem, o emprego constante desses mecanismos pode, em médio e longo prazo, segundo Kamii (1991), acarretar conseqüências tais como: a aprendizagem da mentira, uma vez que a criança sabe que ao falar a verdade será punida; o cálculo de riscos, ou seja, a avaliação pela criança das possibilidades de ser pega; a relação custo-benefício, que é quando a criança já sabe previamente a sanção decorrente da infração, e mesmo assim opta por agir e “pagar o preço”, etc.

Constata-se, assim, que o fato de um comportamento não ser mais apresentado não significa, necessariamente, que a criança percebeu as conseqüências de tal ato, ou que está buscando outras formas melhores de se proceder. Ao contrário, pode significar simplesmente que ela está sob controle por meio do castigo. Assim, é preciso ensinar a criança a refletir sobre as conseqüências de seus atos, e a aprender outras estratégias de expressar seus sentimentos e resolver situações conflitantes.

Analisando as quatro principais técnicas empregadas no programa, é possível constatar que o objetivo central da apresentadora não é o de educar as crianças para a autonomia, mas sim conseguir a obediência imediata delas, resolver os conflitos existentes, e melhorar as relações familiares a curto prazo.

Sem dúvida as técnicas empregadas no programa têm aspectos positivos, pelo fato de apresentarem alternativas respeitadas para pais que sentem grande dificuldade na relação com seus filhos, e acabam partindo para a violência verbal ou física. Elas os auxiliam a lidar com a desobediência e indisciplina das crianças, além de incentivarem o diálogo, estimularem a melhora na convivência entre os membros da família, e incentivarem os pais a darem mais atenção aos filhos.

Entretanto, é importante questionar a forma pontual e reducionista com que alguns problemas complexos são “resolvidos” no programa. A idéia é a utilização de procedimentos eficazes que apresentem resultados rápidos, tendo em vista que a Supernanny possui poucos dias para alcançar suas metas. Porém, as causas dos conflitos familiares são múltiplas, e as relações humanas não são tão simplistas.

Nessa perspectiva, a educação elucidativa oferecerá maiores possibilidades de favorecer a construção da auto-regulação na criança. Contudo, esse é um movimento lento e gradativo. Pela teoria construtivista, o desenvolvimento da autonomia se dá pela interação da criança em um ambiente sociomoral cooperativo, em que a justiça, o respeito mútuo, o diálogo, a igualdade, e os demais valores, estejam presentes e sejam vivenciados, de forma a tornarem-se pouco a pouco parte das ações do futuro adulto.

Todavia, construir esse ambiente depende de formação, de reflexão constante sobre as ações, e do desenvolvimento moral dos próprios pais, que, por sua vez, ensinarão a seus filhos. Constituindo-se em um processo bem mais complexo do que seguir receitas prontas e procedimentos pontuais.



## 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Atualmente, a infância foi transformada em um valor moral que faz dela um bem em si mesmo. A possibilidade vislumbrada de “fim da infância”, devido à existência de crianças trabalhadoras, prostituídas, assassinas, deprimidas, etc., de forma mais ou menos consciente pela sociedade, torna-se o discurso legitimador das práticas de produção da infância na contemporaneidade.

Durante o século XX, a falência progressiva da família nuclear burguesa, a invasão da vida privada pelos interesses estatais, e a concorrência que a escola passou a sofrer frente à cultura de massa quanto ao papel de formadora da juventude, colocaram a infância supostamente em perigo.

O fim da infância passou a se apresentar, então, como um fantasma, um ambiente obscuro que se podia entrever, e que produzia a mobilização de diversos setores da sociedade, abrangendo o direito, a medicina, a educação e a mídia. O sentimento de infância se converteu, então, em “direito de infância”, na tentativa de garantir que as crianças tivessem acesso às condições necessárias para corresponderem ao ideal proposto para a sua faixa etária.

Nesse contexto, a tarefa de cuidar de uma criança tornou-se algo “tão perigoso”, que não pôde mais ficar a cargo exclusivamente dos pais, exigindo a intervenção dos especialistas. O corpo das crianças tornou-se objeto de decifração científica, e o cuidado com elas passou a dever seguir uma série de atos ordenados, segundo a natureza do desenvolvimento psicofísico infantil.

É dentro desse contexto que situa-se o programa Supernanny. Na condição de manual televisivo sobre a criação dos filhos, ele faz referência à profunda incerteza pela qual passam os responsáveis pelo cuidado das crianças diante do panorama atual. Sua existência e seu consumo são indicativos de desejos, necessidades e interesses presentes na sociedade.

A necessidade de orientação diante do caos cognitivo em relação à infância pode encontrar uma encenação no programa. Não uma encenação qualquer, mas sim uma narrativa realista que esquematiza a racionalização do cuidado infantil por meio de uma espécie de gerenciamento do lar.

Ao se assistir ao programa nota-se, logo à primeira vista, que a Supernanny entra no lar não para levar alegria e música às crianças e assim amolecer o coração dos adultos, como faziam as personagens de Julie Andrews nos filmes “Mary Poppins” e “A Noviça Rebelde”, mas para colocar ordem na casa. Seu comportamento é bastante austero, assim como sua maneira de se vestir – em geral terninhos –, que remetem mais ao trabalho executivo do que

às babás e amas do passado. Ela representa uma espécie de síntese dos especialistas, apresentando-se como a figura “carinhosa e firme, doce e tirânica” (COSTA, 1999, P.77), que uma vez foi o médico de família.

Sua intervenção se sustenta tanto pela insegurança inerente ao cuidado infantil, quanto pela linguagem racionalizante utilizada. O panorama social de confronto entre a angústia e a razão encontra em Supernanny uma forma acabada, delimitada, que pode ser transformada em objeto de compensação emocional.

A atração que o programa exerce sobre os pais, parece ser resultado da identificação com as questões vividas na prática. Porém, mais do que fornecedor de conselhos, o programa é uma forma de dramatizar o que acontece na vida cotidiana, e de produzir uma espécie de conforto emocional ou cognitivo. Assim, Supernanny apresenta-se como mediadora de um período de transição.

Até a década de 1950, a imposição da autoridade parental era inquestionável dentro da organização do lar. Nas décadas de 1960 e 1970, a liberação dos costumes procurou rechaçar por completo qualquer forma de repressão. E, ao igualar autoridade e autoritarismo, propôs a isenção de qualquer limite para os filhos. As gerações filhas da ideologia permissiva acabaram se convertendo naquilo que Içami Tiba (2008) chama de “geração dos folgados” e “geração dos tiranos”, traduzidas em filhos que não respeitam as demais individualidades e que impõem suas vontades aos pais.

Acuados diante dessa situação, os pais atuais vão em busca de um referencial para saber lidar com os seus filhos. A literatura de ajuda aos pais, da qual o programa Supernanny é derivado, é uma expressão desse momento, uma vez que propõe a conciliação entre a autoridade das gerações passadas, e o diálogo e a negociação com os interesses individuais dos filhos.

Supernanny realiza uma espécie de consultoria, pela qual diagnostica os problemas familiares e propõe soluções que devem ser implementadas sob sua fiscalização. Mais do que aplicar as técnicas sugeridas, os pais devem incorporar as regras como uma necessidade. Por isso, entre as tarefas da apresentadora estão produzir motivação e vencer a resistência à mudança.

O programa Supernanny é um programa de TV pertencente a uma tendência midiática recente, traduzida nos Reality Shows. Enquanto tal, ele deve fornecer, antes de qualquer coisa, diversão. Portanto, não se pode deduzir que as pessoas que assistem ao programa apliquem de maneira imediata em suas vidas os conselhos fornecidos pela atração.

A princípio, essa intervenção se destina aos pais que estão em casa, que podem se identificar com os problemas que se desenrolam na tela. Esse é o público preferencial do programa, mas não é o único. Possuir filhos não é algo absolutamente necessário para desenvolver atração pelo programa, uma vez que esse representa, acima de tudo, um princípio de organização da realidade, que pode funcionar como gratificação cognitiva e emocional.

A possibilidade de solução técnica de determinados problemas, ultrapassa o próprio âmbito do cuidado infantil. Observar a implementação de ações técnicas sistemáticas, que são aos poucos colocadas em prática – configurando-se assim em uma ordem no caos inicial –, pode representar uma espécie de “alívio de tensão” (ADORNO, 1987, p.291); não necessariamente para os pais preocupados com a boa condução familiar, ou com o desenvolvimento infantil.

O discurso sobre limites e equilíbrio presente no programa, aparentemente rebate de maneira positiva em pais que não sabem encontrar o ponto ideal para lidar com seus filhos. Quando o controle sobre o destino das crianças surge como um horizonte possível, graças às descobertas científicas relativas à natureza do desenvolvimento infantil, a figura do especialista – médico, psicólogo, pedagogo ou psicopedagogo – aparece como necessária; uma vez que só ele é capaz de dosar os excessos, e encontrar o ponto certo para a intervenção junto às crianças.

Atualmente, a ciência e a tecnologia assumem um lugar de suma importância na condução da vida moderna. O erro pode ser eliminado, desde que se conheçam as técnicas adequadas e seus possíveis resultados. A aplicação sistemática de um método organiza o espaço e o tempo em que as pessoas vivem. Entretanto, os métodos aplicados no programa não têm como principal objetivo educar as crianças para a autonomia, mas sim conseguir a obediência imediata delas, resolver os conflitos, e melhorar as relações familiares a curto prazo.

Sem dúvida, as técnicas aplicadas têm aspectos positivos, pelo fato de apresentarem alternativas viáveis para os pais que sentem grandes dificuldades no cuidado de seus filhos. Além de promoverem significativos debates sobre os procedimentos pedagógicos utilizados na família e nas escolas ao educarem as crianças.

Contudo, é importante questionar a maneira pontual e reducionista com que alguns problemas complexos são tratados no programa. Já que a idéia é a utilização de procedimentos eficazes que apresentem resultados rápidos, tendo em vista que a Supernanny tem pouco tempo para alcançar as metas esperadas.

É preciso lembrar que as causas dos conflitos familiares são múltiplas, e as relações humanas são bastante complexas. Assim, não se deve esperar, por exemplo, que algumas características da personalidade de uma determinada criança, como ser brava ou impulsiva, transformem-se em um curto espaço de tempo.

Há inúmeros procedimentos válidos, mas o problema é que os mesmos são utilizados indiscriminadamente como receituário, desconsiderando o contexto, as razões da situação conflituosa, a idade das crianças, ou mesmo as motivações que as levaram a desobedecer.

Esses procedimentos têm efeito na educação do presente, dificultando que os pais reflitam sobre as causas dos problemas, que busquem soluções a médio e longo prazo, ou que generalizem as técnicas empregadas. As formas como são empregados contribuem para a manutenção das relações de respeito unilateral. Enquanto a criança é heterônoma, esses procedimentos permitem que o comportamento indesejável seja controlável, mas, a longo prazo, provavelmente não serão apresentados os mesmos resultados.

É necessário trabalhar com os pais as estratégias para a solução de conflitos, e, principalmente, investir na transformação das concepções que eles possuem. Uma vez que isso tende a resultar em mudanças nos sentimentos, e, conseqüentemente, nos processos empregados para a sua resolução.

O trabalho realizado pela Supernanny em seu programa enfoca mais as atitudes dos pais, não atuando na mudança de suas concepções e de seus sentimentos. Por isso, eles podem até ter aprendido os procedimentos ensinados, porém, por não terem mudado seus paradigmas, após a partida da Supernanny provavelmente apresentarão em outros momentos as mesmas estratégias e intervenções de antes. Podendo, ainda, utilizar os novos métodos de maneira diferente do que a apresentadora pretendia.

Vale à pena destacar que o fato de haver um diagnóstico prévio pela Supernanny, a partir da análise das filmagens e da observação da rotina e das relações cotidianas da família – e não apenas embasado no que os pais dizem –, é de fundamental importância para o planejamento de intervenções a partir dos problemas reais constatados. Esse diagnóstico, assim como o acompanhamento da forma como os procedimentos são implantados, adaptando-os ou propondo novos se necessário, contribui significativamente para o êxito dos mesmos.

Contudo, talvez em decorrência do pouco tempo que a apresentadora possui, há pressa na implantação dos procedimentos, mesmo que os pais ainda não estejam totalmente convencidos de sua validade. É possível verificar que, diante da dificuldade em cumpri-los,

comumente são admoestados pela Supernanny, e convencidos a implantá-los da “maneira correta”.

E se um determinado procedimento não apresenta o resultado esperado, a responsabilidade é sempre dos pais, que não estão seguindo corretamente as recomendações da Supernanny. Nos episódios nunca é cogitado que o problema poderia estar nas intervenções propostas, que podem não ser adequadas ao conflito em questão.

Pelo que o programa apresenta, parece que há uma significativa melhora nas relações familiares, se comparadas com o momento anterior à chegada da apresentadora, onde predominavam, em muitos casos, relações desiguais entre o casal, no que diz respeito às tarefas da casa, ao trabalho, ou à educação das crianças. Panorama que gerava muita insatisfação, ressentimentos e desavenças. Encontravam-se também posturas incoerentes dos pais, havendo por parte de um, ou de ambos, ora o predomínio da permissividade, ora da negligência, e, às vezes, do autoritarismo. Havendo, inclusive, situações de agressões físicas e verbais, críticas constantes, imposições, desrespeito, etc.

Nesse cenário, os métodos utilizados pela Supernanny contribuíram para a melhoria dessas relações, e para o aumento do bem estar das crianças. Todavia, é possível inferir que as mensagens inerentes à maior parte dos procedimentos empregados, reforçam a heteronomia, uma vez que estimulam a manutenção das relações de respeito unilateral, e incentivam a obediência às normas prontas e completamente elaboradas sem reflexão crítica. Além de a regulação dos comportamentos ser externa, por meio do uso de prêmios e sanções expiatórias.

Segundo essa perspectiva, a educação elucidativa ofereceria maiores possibilidades de favorecer a construção da auto-regulação na criança. Entretanto, isso não ocorre em poucos dias. Para a teoria construtivista, o desenvolvimento da autonomia não se dá por meio do ensino direto, ou através da transmissão de valores por meio de censuras, sermões e discursos. Mas se dá pela interação da criança em um ambiente cooperativo, em que os valores corretos estejam presentes, sejam vivenciados e refletidos, de forma a tornarem-se, paulatinamente, parte das ações do adulto futuro.

Observa-se que muitos pais contemporâneos, ao sentirem-se inseguros, almejam por técnicas que funcionem rapidamente, promovendo na criança um comportamento tranquilo, obediente e disciplinado – ainda que seja por conformismo ou regulação externa. É importante, então, estimulá-los a mudar suas concepções e ações, saindo do senso comum, de maneira a construir uma personalidade ética na criança, e no futuro adulto no qual ela se formará.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ADORNO, Theodor. A indústria cultural. In: COHN, Gabriel (Org.). **Comunicação e indústria cultural**. São Paulo: TA Queiroz, 1987a.

AGÊNCIA DE NOTÍCIAS DOS DIREITOS DA INFÂNCIA, UNICEF, CENTRAL DE PROJETOS E COORDENAÇÃO NACIONAL DST E AIDS MINISTÉRIO DA SAÚDE. **A Mídia como consultório?** Uma análise técnica e jornalística das perguntas e respostas sobre saúde e comportamento veiculadas pela mídia impressa e eletrônica. Brasília: 2002. Disponível em: <<http://www.andi.org.br>>. Acesso em: 25 de abril de 2012.

ARIÈS, Philippe. **História social da criança e da família**. Rio de Janeiro: LTC, 1981.

CAETANO, Luciana Maria. **O conceito de obediência na relação pais e filhos**. São Paulo: Paulinas, 2008.

CASTRO, Cosette. **Por que os reality shows conquistam audiência?** São Paulo: Paulus, 2006. (Questões Fundamentais da Comunicação, 7)

COSTA, Clovis Corrêa da. **Puericultura**. Rio de Janeiro: Departamento Nacional da Criança/Ministério da Saúde. 1955

COSTA, Jurandir Freire. **Ordem médica e norma familiar**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1999.

FROST, Joanne. **Superbabá: como tornar seu filho a melhor criança que ele pode ser**. Tradução Alessandra Mussi. 2.ed. São Paulo: Seoman, 2011.

KAMII, C. **A criança e o número**. Campinas, Papirus, 1991.

LA TAILLE, Y. **Limites: três dimensões educacionais**. São Paulo, Ática, 1998.

MIZRAHI, Beatriz Gang. **A relação entre pais e filhos hoje – a parentalidade e as transformações no mundo do trabalho**. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio, 2004.  
PIAGET, J. (1932/1977). **O juízo moral na criança**. Tradução de E. Lenardon. São Paulo: Summus, 1994.

POSTMAN, Neil. **O desaparecimento da infância**. Rio de Janeiro: Graphia Editorial, 1999.

PRADO, Carlos. **Vamos criar seu filho!**. São Paulo: Guairá. 1938

ROCHA, José Martinho da. **Cartilha das mães**. Em elaboração com Odilon de Andrade Filho. 8.ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira. S.d.

SISTEMA BRASILEIRO DE TELEVISÃO. Supernanny. **O programa**. Disponível em: <<http://www.sbt.com.br/Supernanny/programa/>>. Acesso em: 27 de abril 2012.

TIBA, Içami. **Maravilhosos tiranos**. 2008. Disponível em: <<http://www.tiba.com.br/artigos/?n=012>>. Acesso em: 25 de abril de 2012.

\_\_\_\_\_. **Meu filho não quer comer**. 2008. Disponível em: <<http://www.tiba.com.br/artigos/?n=013>>. Acesso em: 25 de abril de 2012.

\_\_\_\_\_. **Novos laços de família**. 2008. Disponível em: <<http://www.tiba.com.br/artigos/?n=015>>. Acesso em: 25 de abril de 2012.

WINNICOTT, D.W. **A criança e seu mundo**. Rio de Janeiro: Zahar, 1971.